

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

INDIRA SIMIONATTO STEDILE ASSIS MOURA

**ESCRITA DE SINAIS:
CULTURA E IDENTIDADE SURDA EM RONDÔNIA**

PORTO VELHO, 2018.

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

M929e Moura, Indira Simionatto Stédile Assis.

Escrita de Sinais: cultura e a identidade surda em Rondônia / Indira Simionatto Stédile Assis Moura. -- Porto Velho, RO, 2018.

108 f.: il.

Orientador (a): Prof. Dr. João Carlos Gomes

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia.

1.AutoEtnografia. 2.Libras. 3.Cultura Surda. 4.Escrita de Sinais. I. Gomes, João Carlos. II. Título.

CDU 81'221.4

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

INDIRA SIMIONATTO STEDILE ASSIS MOURA

**ESCRITA DE SINAIS
CULTURA E IDENTIDADE SURDA EM RONDÔNIA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Letras, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia, sob orientação do Prof. Dr. João Carlos Gomes.

PORTO VELHO, 2018
Indira Simionatto Stédile Assis Moura.
Escrita de Sinais: Cultura e a Identidade Surda em Rondônia.

Defendida em de fevereiro de 2018.

BANCA AVALIADORA:

Professor Dr. João Carlos Gomes, orientador
(Mestrado Acadêmico em Letras/ UNIR)

Professora Dra. Odete Burgeille / Membro Interno
(Mestrado Acadêmico em Letras/ UNIR)

Professora Dra. Márcia Nunes Maciel /Membro Externo
(Secretaria de Educação do Estado de Rondônia/SEDUC)

Professor Dr. Júlio Cesar Barreto Rocha / Membro Interno
(Mestrado Acadêmico em Letras/ UNIR)

PORTO VELHO, 2018.

Sabe...
Quantas vezes cheguei perto para falar e não
consegui
Quantas vezes meus olhos falaram e você nem
ligou
Quantas vezes minhas mãos chamaram e você
nem se importou
Minha vontade de contar coisas bonitas ia
morrendo...
Meus olhos iam se apagando...
Minhas mãos iam silenciando...
E eu me sentia só, num mundo que não era meu...
Aos poucos fui nascendo novamente...
Aceitando seu mundo...
E descobrindo nele coisas maravilhosas:
A existência do som, da palavra, das cores...
Só não consegui identificar a sua voz...
Aprendi que as folhas falam quando o vento sopra...
Aprendi que a água canta quando cai...
Sozinha, nunca liguei o ruído à fonte sonora,
Só descobri tudo isso quando alguém me contou...
Que maravilha!
Mas...
Sinto muito por quem:
– nunca teve tempo...
– nunca olhou para uma criança para ver algo diferente...
– não percebe que ela precisa:
– da sua atenção,
– da sua palavra,
– da sua compreensão
e do seu AMOR.

Shirley Vilhalva (2017)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS, por ter me dado a permissão de chegar até aqui, e por toda a força concedida na concretização desse sonho, e por todas as pessoas que cruzaram meu caminho e que estão aqui citadas, todas muitíssimas especiais. Gratidão meus pais e família, principalmente minha mãe Irene Simionatto Stedile, que tem paciência comigo e deu minha vida. No momento o meu caminho, missão, compromisso, responsabilidade, agir, encorajar, tolerar, lágrimas e outras muitas coisas milagres que aconteceram na hora certa. Meu esposo e amigo Franco Adam, companheiro, compreensão e amor.

Aos meus avós Lybera Simionatto Stedile e Izidoro Stedile (in memorian) por ser meu exemplo de vida minha fortaleza nos momentos de angústia. Ao meu pai Sérgio Augusto de Assis (in memorian) mesmo distante em muitos momentos, não esquecido.

Gratidão especial querido professor Dr. Júlio Rocha, depois virou amigo e parceiro, estava comigo juntos equipes, eventos e reuniões. Agradeço também especial professor Dr. João Carlos Gomes, por me orientar, por me esperar e por me ter paciência. Por me clarear objetivo da pesquisa e ter carinho. Muito obrigada vocês dois e valeu muito mesmo. Dois orientadores eternos minha caminhada acadêmica.

Agradeço por associações, lutas, conquistas, voluntárias, apoio e união, principal os surdos ASPVH e a parceira APPIS e seus intérpretes. As influências por lutar, me iniciar políticas, qualquer momento eu juntos parceiros. Agradeço conhecer Ariana Boaventura, Marcus Loureiro, Marcos Grutzmacher, Nágila Bandeira, Neide Alexandre, William Sestito, Joesér Alvarez, Jaisse Costa, Silvia Thomaz, Carlos Alberto, Clefer Fernanda, Fernanda Emmanuele, Alexandra Shell, Fernanda Silveira, Julia Cardoso,

Agradeço a Comunidade Surda de Porto Velho, aos irmãos e companheiros Surdos: Eduardo Stefano, Cibelly Elias, Ana Carolina Lovo, Emmanuel Gurgel, Uliane Lima, Arine Holanda, Danilo Ramos, Emerson Lucas, Rafaela, Joana, Juliana e outros, pela força de sempre. Pela comunidade surda e interpretes, obrigada por todas as discussões, os encontros, os papos ao celular (torpedos/mensagens, internet, WhatsApp, Facebook, Telegram e outros comunicadores), os almoços, as festas, os puxões de orelha, as conquistas alcançadas juntas... a cada um de vocês, um grande obrigado e meu amor sempre!

Agradeço a UNIR porque tive a honrosa oportunidade de participar de uma universidade, desenvolvido pelo contato com professores, alunos e técnicos do DLV, DLIBRAS, NCH e comissões outras. Agradeço o trabalho de Departamento de LIBRAS, Angélica, Elizabeth, intérprete Jacó. Professores de Libras: Ariana, Nívea, Iris, Amauri, alunos e outros.

Agradeço todos os meus colegas do Mestrado em Letras e principalmente professores pela compreensão. Frequentei as aulas sem/com intérpretes, sem entendidos, incomunicados, foi muita luta, angústias e choros, grato apoio dos professores me deram atenção, especialmente de meu lado Edneia Bento que voluntária, me ajudou muito Libras sala.

As minhas amigas que também foram minhas tradutoras/intérpretes e revisoras nessa jornada do Mestrado e da dissertação: Edneia Bento e Ariana Boaventura ficam aqui, minha gratidão, meu respeito, minha admiração e minha devoção, intransponíveis em palavras e pela pesquisa e empurrãozinho dado para que eu conhecesse e integrasse o grupo de pesquisa e equipe, eu amo vocês azuis.

Aos meus alunos, por entenderem sem questionar todas as aulas desmarcadas e remarcadas, mesmo que, em cima da hora, por paciência e atenção meus ensinamentos. Compartilhar de meu aprendizado. Muito obrigada.

Ao meu amor, Franco Adam da Costa Moura - por perder noites de sono e fins-de-semana ao meu lado, só para me fazer companheiro, compartilhar meus ideais e incentivando-me a prosseguir, insistindo para que eu avançasse cada vez mais um pouquinho. Até fim, por estar sempre ao meu lado, sendo muito mais do que se pode esperar. Amo você!

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APPIS - Associação de Professores, Parentes, Amigos e Intérpretes dos Surdos de Rondônia

ASFJIPA – Associação de Surdos e Familiares de Ji-Paraná

ASPVH - Associação dos Surdos de Porto Velho

ASSURVH – Associação de Surdos de Vilhena

CAS - Centro de Capacitação aos Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez

CAPNES - Coordenadoria de Apoio a Pessoas com Necessidades Especiais

CENAP - Centro de Atendimento de Pessoas Especiais

CERNIC - Centro de Reabilitação Neurológica Infantil de Cacoal

CM - Configuração de Mãos

DA - Deficiente Auditivo

DLIBRAS – Departamento de Língua Brasileira de Sinais

DLV – Departamento de Línguas Vernáculas

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EL - Escola do Legislativo.

FEDER - Federação dos Deficientes do Estado de Rondônia

FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

IE - Intérprete Educacional

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

L - Locação de Mão

L1 - Primeira Língua

L2 - Segunda Língua

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

LSA - Língua de Sinais Americana

LSF - Língua de Sinais Francesa

M - Movimento

ME - Ministério da Educação

NCH – Núcleo de Ciências Humanas

PNE - Plano Nacional de Educação

PNEE - Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais

PA- Ponto de Articulação

SEDUC- Secretaria de Estado da Educação

SEMED- Secretaria Municipal de Educação

TILS - Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais

O - Orientação

RESUMO

Este trabalho é um estudo de caso, onde a observação deu-se em conjunto com a participação efetiva, numa certa proposta de autoetnologia buscando apresentar a percepção de uma pessoa surda sobre sua própria história como forma de validar também as histórias compartilhadas e produzidas entre as comunidades surdas no Estado de Rondônia. Assim, apresento minha própria história de vida e trajetória estudantil como introdução necessária à compreensão de fatos atinentes à experiência de ser surda e viver numa sociedade de maioria ouvinte, face às perplexidades e complexidades do ser surdo desde a infância, as mediações necessárias tanto familiares quanto comunitárias no sentido da apreensão do conhecimento, as dificuldades e desafios de minha trajetória acadêmica, o enfrentamento de questões como a dificuldade de apreensão da escrita, a resistência à leitura e a luta contra conceitos hegemônicos. Apresento também minha descoberta como pesquisadora na formulação de uma hipótese participativa do povo surdo na criação dos primórdios da Escrita, e, por conseguinte, da própria História, na tentativa de resgatar o possível protagonismo do povo surdo frente ao apagamento deste, na História oficial. Apresento também a trajetória desse percurso em direção a um entendimento necessário sobre a questão escrita e sua importância fundamental para a participação de sujeitos históricos surdos, na construção de sua própria história na atualidade, enfatizando a valorização e intensificação da cultura e identidade surdas, bem como, seu papel fundamental para o sentimento de pertença, especialmente na educação de surdos no sentido de configurar um campo de estudos acadêmico como referência descritiva, expressiva e visual, acelerando a apreensão do conhecimento pelas novas gerações.

Palavras-chave: LIBRAS; Cultura Surda; Autoetnologia; Escrita de Sinais. Educação

ABSTRACT

This work is a case study, where the observation occurred together with the effective participation in a certain proposal of self-ethnology seeking to present the perception of a deaf person about his own history as a way to validate also the stories shared and produced between the communities in the Rondônia State. Thus, I present my own life history and student trajectory as a necessary introduction to the understanding of facts related to the experience of being deaf and living in a society of the majority listener, in the face of the perplexities and complexities of being deaf since childhood, the necessary mediations both familiar and the difficulties and challenges of my academic trajectory, the confrontation of issues such as the difficulty of apprehending writing, resistance to reading and the struggle against hegemonic concepts. I also present my discovery as a researcher in the formulation of a participatory hypothesis of the deaf people in the creation of the early Writing, and therefore of History itself, in an attempt to rescue the possible protagonism of the deaf people in the face of its erasure in official History. I also present the trajectory of this course towards a necessary understanding of the written question and its fundamental importance for the participation of deaf historical subjects in the construction of their own history in the present time, emphasizing the valorization and intensification of the deaf culture and identity, as well as , its fundamental role for the sense of belonging, especially in the education of the deaf in the sense of setting up an academic field of study as a descriptive, expressive and visual reference, accelerating the apprehension of knowledge by the new generations.

Keywords: LIBRAS; Culture Surda; Self-ethnology; Sign Writing; Education

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| SEÇÃO I - MEU MUNDO SURDO | 19 |
| 1.1. A escrita em língua portuguesa na cultura e identidade surda | 21 |
| 1.2. A tradução cultural da língua de sinais para escrita em português..... | 24 |
| 1.3. Do princípio, uma escritura surda | 26 |
| 1.4. O que um surdo quer, outro surdo também quer! | 32 |
| 1.5. O silêncio como experiência de ser e estar sendo surda..... | 34 |
| 1.6. O pertencimento à uma língua e cultura de herança | 38 |
| 1.7. O Movimento Surdo em Porto Velho | 43 |
| 1.8. Articulação com o Movimento Surdo Nacional | 46 |
| 1.9. As Conquistas do Movimento Surdo Local | 50 |
| 1.10. A conquista do mestrado | 52 |
| SEÇÃO II – DESTERRITORIALIZANDO AS ORIGENS | 59 |
| 2.1. A Pré-História do registro visual | 64 |
| 2.2. Uma Narrativa sobre os gestos | 66 |
| 2.3. O desenho que virou letra..... | 68 |
| SEÇÃO III – A ESCRITA DE SINAIS | 71 |
| 3.1. O registro escrito das Línguas de Sinais | 71 |
| 3.2. A produção em Escrita de Sinais no Brasil | 74 |
| 3.3. A Escrita de Sinais e a Cultura e Identidade de Rondônia | 77 |
| 3.3.1. Associações e Instituições educacionais | 78 |
| 3.3.2. Municípios do Estado de Rondônia..... | 86 |
| 3.4. Descrição etnográfica das configurações dos sinais | 98 |
| 3.4.1. Tabela de Configurações de Mãos..... | 100 |
| 4.0. Considerações Finais | 102 |
| 5.0. Referências Bibliográficas | 106 |

INTRODUÇÃO

O presente estudo e pesquisa trata de uma etnografia de si mesmo, que apresenta a percepção de uma pessoa surda sobre sua própria história, cultura e identidade. É uma modalidade de pesquisa etnográfica pós-moderna que busca refletir uma história de vida compartilhada e produzida com as comunidades surdas do Estado de Rondônia.

A narrativa etnográfica traz revelações da cultura e identidade surda que se propõe a realizar uma certa interpretação acerca da minha própria história de vida, apontando para necessidade da compreensão das experiências de ser surda e viver numa sociedade de maioria ouvinte. Diante da complexidade da cultura e identidade do ser e estar sendo surda num mundo ouvinte, por meio de narrativas da “etnografia de si mesmo” intento revelar as diversas mediações pedagógicas para construção dos conhecimentos e saberes relacionados aos estudos surdos na universidade.

As narrativas das passagens de minha trajetória pessoal foram construídas visando revelar as minhas experiências etnográficas na perspectiva que compreendo os princípios que determinam a concepção da pessoa surda na sociedade ouvinte. Orientado pelos estudos etnográficos na perspectiva da minha própria cultura e identidade, esses me permitiram a realização de uma etnografia do *saber-fazer* cotidiano, considerando as formas de sociabilidade e socialização dos surdos, podem ser reconhecidas como espaços reveladores e legítimos de marcadores sociais e simbólicos que constituem a pessoa surda numa sociedade majoritariamente ouvinte.

De forma reveladora e poética procurei construir uma narrativa etnográfica na qual busco demonstrar certos desafios na trajetória na Academia, os quais me levaram ao enfrentamento de questões acadêmicas criando várias dificuldades para mim relacionadas com a escrita e a leitura em língua portuguesa.

Os resultados apresentados na dissertação permitem a esta pesquisadora revelar os pressupostos da escrita de sinais com o mapeamento de categorias de palavras referentes ao Estado de Rondônia, as quais revelam a necessidade de compreensão da linguagem gestual da língua de sinais como língua de herança do povo surdo, sendo, pois, uma forma de resgatar o protagonismo do povo surdo diante do silenciamento causado pelo historicismo tradicional sobre o povo surdo.

Apresento também a trajetória desse percurso em direção a um entendimento

necessário sobre a questão escrita, revestida essa de importância fundamental para a participação de sujeitos históricos surdos na construção de sua própria história na atualidade, enfatizando a valorização e intensificação da cultura e identidade surdas, e seu papel para o sentimento de pertença, especialmente na educação de surdos, no sentido de configurar um campo de estudos acadêmico como referência descritiva, expressiva e visual, acelerando a apreensão do conhecimento pelas novas gerações.

Nesta perspectiva, apresento minhas experiências como uma surda que foi criada em uma família de ouvintes. De forma realista e crítica, busco refletir sobre os percursos que revelam a percepção de mim mesma como sujeito étnico da cultura e identidade surda. Neste rumo, intento revelar como reconheço a cultura e Identidade surdas, apresentando como é ser e estar sendo surda, realizando uma pesquisa etnográfica de mim mesmo.

Para Silveira (2007) a reflexão sobre si mesmo produz a construção de um movimento de alteridade que permite o próprio sujeito revelar sua cultura e identidade por meio de construções que representam suas próprias experiências simbólicas. Dessa forma, busco construir um encontro comigo mesma enquanto sujeito que reflete seus próprios dilemas sociais e culturais. Como mulher e pesquisadora surda, me torno sujeito de minha própria pesquisa revelando as minhas percepções sobre a cultura e identidade do povo surdo nos diálogos interculturais com a cultura ouvinte.

Nessa perspectiva, acredito que as relações culturais se dão através dos artefatos¹ da linguagem, que tornam o presente tempo, um fervilhar de memórias afetivas que nos permitem buscar acordos com as vivências intelectuais, culturais e históricas, dessas experiências vivenciadas. Esse tempo me permitiu reconhecer as minhas próprias formas de registros para preencher os vazios da minha cultura e identidade. Foi possível também reconhecer os mitos dos heróis surdos que não tiveram seus nomes registrados na história, mas deixaram marcas históricas na herança cultural e linguística do povo surdo.

Nestes pressupostos apresentados, esse estudo e pesquisa teve como objetivo traduzir para a escrita de sinais, categorias de palavras relacionadas ao Estado de Rondônia que traduzem a cultura e identidade do Povo Surdo. Para alcançar tais parâmetros foram necessários os seguintes objetivos específicos: 1) realizar uma

¹ Para Strobel (2008) artefatos culturais do povo surdo é são caracterizados elementos da cultura surda são entendidos como as ilustrações da cultura, como aquilo que vai além do material, constituindo o sujeito e as formas de ver, entender e transformar o mundo para o sujeito surdo.

etnografia da própria pesquisadora; 2) demonstrar a importância da escrita da língua de sinais; 3) mapear em categorias semânticas os sinais de Rondônia e traduzi-los para escrita de sinais; e 4) descrever a configuração desses sinais com base na cultura e identidade surda de Rondônia.

A minha opção metodológica para alcançar os objetivos foram os pressupostos das pesquisas pós-críticas que segundo Paraíso (2014) permite construirmos os próprios caminhos sustentados em pressupostos teóricos. Neste sentido, busquei sustentação nos pressupostos teóricos dos estudos surdos, partindo da ideia que podemos construir os próprios pressupostos de pesquisa. Com essa abordagem tornou-se possível criarmos os procedimentos metodológicos quanto às escolhas das premissas que permitiram produzirmos os dados e analisarmos os resultados com base na etnografia pós-moderna de minha própria cultura e identidade.

Para tanto, foi necessário criar na pesquisa um espaço que permitisse que eu fosse sujeito de minha própria pesquisa sem a necessidade de me colocar na condição de objeto como exigem as pesquisas tradicionais. Dessa forma, foi possível que me tornasse fonte de conhecimento da minha própria cultura e identidade. Paraíso (2014) corrobora neste sentido, ao assegurar que uma pesquisa na modalidade pós-crítica pode orientar o nosso modo de navegar e pesquisar, cuja tarefa principal consiste em inventar e ressignificar as questões até então propostas. Nesse rumo, em momento algum desprezamos o que já foi produzido com outras teorias, mas adaptamos criativamente essas teorias para estabelecer um lócus político e interdisciplinar em nossas pesquisas.

Nos pressupostos teóricos da metodologia pós-crítica, foi possível construirmos diálogos interculturais com os pressupostos de Strobel (2008) sobre “as imagens do outro sobre a cultura surda”, mostrando que as pesquisas no campo dos Estudos Surdos e Estudos Culturais podem proporcionar um olhar renovado sobre a cultura e identidade surda. Os surdos são pensados nesse estudo como um grupo identitário, não um grupo de pessoas marcado pela deficiência, mas, caracterizado por artefatos culturais próprios que marcam suas diferenças enquanto grupo étnico.

A produção e a descrição dos dados da pesquisa, tiveram como base os pressupostos dos conceitos de desterritorialização para o que é conhecido e instituído na cultura e identidade surda, visando criar ambientes de reflexões que confrontem os significados condicionados e impostos pela tradição cultural. Desterritorialização é

uma forma que encontramos para perceber que existem outras formas de ver e viver no mundo. Neste prisma, precisamos reconhecer outras formas de viver e perceber o mundo por outras culturas, não para deixar de ser o que somos, mas, para valorizar aquilo que não somos.

Neste cenário, os pressupostos teóricos da desterritorialização nos ajudaram a valorizar os espaços que nos abrigam como um artefato cultural que permite compreendermos a diversidade cultural dos sujeitos surdos como grupo étnico. Para Ianni (1996) o conceito de desterritorialização permite que o sujeito do conhecimento não permaneça no mesmo lugar, sendo possível que este deixe seu olhar navegar por muitos lugares e espaços do presente e passado. Portanto, território seria um espaço de organização e estabilidade, e, a desterritorialização seria uma ação fragmentária, cuja aparente desordem, intenta em verdade buscar novos saberes, adotando uma percepção diferenciada, quiçá, pronta para descobrir ideias novas, além das previstas.

No contexto dos processos de desterritorialização, nosso olhar pesquisador reconhece que os surdos nascem na sua maioria, em famílias ouvintes, e, com isso, acabam crescendo com diferentes e, como diferentes, num ambiente em que, raramente são abordados com atitudes de valorização da sua própria cultura identidade, cuja territorialidade comumente seria marcada pela insegurança, a incomunicabilidade e a curiosidade. Quando um surdo encontra outro surdo, ou alguém que se comunique gestualmente com ele, os pressupostos da desterritorialização ganham novos sentidos e significados na relação deste sujeito com o mundo.

Nesse sentido, tanto a produção de dados, quanto a ideia contida nas descrições desses dados, pretendem desterritorializar os sentidos, produzindo novos sentidos, levando à construção de outras curiosidades e questionamentos reflexivos para uma nova territorialização. Paraíso (2014) corrobora com essa reflexão ao afirmar que, quando produzimos uma reterritorialização, saboreamos novas vivências que nos levam a considerar nosso aprendizado com o desconhecido. Trata-se de uma outra possibilidade que criamos para revigorar nossas imagens de pensamento sobre a cultura e identidade do outro.

Para produção dos dados da pesquisa, é fundamental reconhecermos o papel dos tradutores da língua sinais na construção dos resultados. Isso, porque foi

necessária uma transposição didática não apenas da escrita do surdo para o português, mas principalmente a tradução cultural dos conceitos teóricos que tive que apreender para a análise dos resultados. A práxis tradutora dos intérpretes foi de fundamental importância, porque tivemos momentos carregados de reflexões culturais para compreensão dos conceitos dos estudos culturais relativos.

A presença dos intérpretes, portanto, foi fundamental para compreender a semântica da língua portuguesa, a qual acaba tornando-se uma língua estrangeira para o sujeito surdo. Dessa maneira, tive que me esforçar muito para escrever em língua portuguesa, fato esse, que, para mim, além de ser uma língua de outra cultura, tem uma modalidade diferente da minha língua gesto-espaco-visual, posto que o português seja oral e auditivo. Assim, tenho consciência da relevância política dessa pesquisa para mim e para o povo surdo do Estado de Rondônia, por isso, fiz a opção de contar com a colaboração das tradutoras Ednéia Bento e Ariana Boaventura para que as minhas reflexões teóricas produzidas em língua de sinais fossem melhor compreendidas pelos ouvintes por meio da escrita em português.

Nesse cenário, os resultados da pesquisa apresentados fazem parte dos diálogos interculturais que tive como meu orientador, Professor Dr. João Carlos Gomes, o qual contribuiu sobremaneira para que esse estudo fosse construído com base nos pressupostos teóricos dos estudos culturais surdos, que nos levaram ao reconhecimento de povo surdo como grupo étnico que possui cultura e identidade própria. Tal compreensão facilitou as minhas reflexões ao trilhar por caminhos que me levaram a refletir sobre minhas próprias práticas, vivências e pensamentos relacionados a cultura e identidade surda, essa, que sobreviveu silenciada em minha vida até o momento em que encontrei outros surdos na mesma condição.

Reconheço que minha identidade na contemporaneidade é reflexo de minha militância no movimento surdo nacional e estadual, em defesa das culturas e identidades surdas no Estado de Rondônia. Assim, minhas reflexões são construídas para desnaturalizar as visões dominantes sobre a escrita, a história e a cultura do povo surdo. Enquanto sujeitos surdos, em meio à uma sociedade ouvinte, reconheço que o silenciamento de vários fatos históricos não nos permite refletir e elaborar nossa própria versão sobre as fases da História de modo suficiente. Com isso há fatos históricos relacionados à nossa cultura e identidade que são negados pelo historicismo tradicional, ao não reconhecer os surdos como sujeitos históricos.

Para realização dessa pesquisa considerei o sentimento de sofrer prejuízos no aprendizado desde a educação básica. Por ocasião desse Mestrado, acabei por descobrir elementos importantes que me ajudaram a despertar o interesse pelos artefatos da minha identidade cultural. Assim, reflito que, se tais formas de conhecimento chegassem aos surdos da maneira como esses compreendem o mundo culturalmente ainda na infância, os ouvintes não ficariam pensando que nós surdos sequer teríamos qualquer dificuldade na aprendizagem, pois, comumente não temos dificuldade na compreensão e absorção do conhecimento, desde que esse nos seja apresentado com base em nossa cultura e identidade.

Ao estudar certa literatura, essa me levou a reconhecer a presença dos surdos na produção da escrita desde a pré-história. Tal hipótese, torna-se possível quando analisamos as imagens do período pré-histórico que revelam a presença da cultura visual com a participação de prováveis sujeitos surdos como protagonistas no processo. Para construção desse reconhecimento, utilizamos dos conceitos de desterritorialização e hibridismo cultural como forma de levar os ouvintes a uma reflexão mais sensível, partindo da zona de conforto dos sujeitos surdos, potencialmente presentes desde esse período na construção da história da humanidade.

Nos pressupostos acima elencados, o presente estudo encontra-se organizado da seguinte forma: na primeira seção realizo reflexões sobre a minha história de vida para demonstrar quem é a pesquisadora no contexto dos estudos culturais surdos. Apresento inicialmente minha história de vida revelando a forma de escrever em língua portuguesa, com a colaboração de intérpretes e tradutores da língua sinais para assegurar meu modo de compreensão.

Na segunda seção, apresento minha narrativa sobre os pressupostos da desterritorialização, demonstrando as origens e histórias através da reflexão das narrativas sobre o gesto, dos mitos fundadores da cultura surda, e, de meu posicionamento como pessoa surda praticante de uma cultura gesto-visual.

Na terceira seção, apresento um breve histórico da escrita de sinais na Europa e no Brasil. Neste sentido, demonstro a importância da escrita de sinais para os processos de alfabetização e letramento das crianças surdas, pontuando o objetivo de pensar a contribuição da Escrita de Sinais nos registros em Língua de Sinais numa tentativa de historicizar elementos gráficos referentes ao Estado de Rondônia. Por fim,

apresento o mapeamento dos sinais com os respectivos registros desses, em Escrita de Sinais, bem como a interpretação dos registros.

SEÇÃO I - MEU MUNDO SURDO²

Nesta seção apresento a etnografia de mim mesmo, revelando meu pensamento e conhecimento enquanto sujeito étnico que pertence à cultura e identidade surda. A descrever minha própria história de vida, busco uma valorização da subjetividade e o reconhecimento do direito que tenho de falar de mim mesmo. Além disso, essa é uma forma de ser concebida como sujeito de minha própria pesquisa e não apenas como objeto. Com isso, deixo de ser mero recipiente do conhecimento gerado pelos pesquisadores profissionais e me reconheço como pesquisadora. Assim, ao priorizar o papel de sujeito refletindo a própria formação, conforme se apropria do percurso de sua vida escolar, ou de seu percurso de vida, pode-se admitir no tocante à essa formação, a existência de uma nova epistemologia (Nóvoa, 1992).

Inicialmente gostaria de reconhecer que há momentos em que me apresento ora na sintaxe de outra língua (escrita oral-auditiva) cuja modalidade não corresponde à minha língua natural (gesto-espaco-visual), ou seja, o meu português escrito à princípio, apresenta-se na sintaxe da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), na tentativa de externar o modo de expressar em outra língua esse mundo continuamente dividido entre duas culturas (ouvinte e surda). É preciso reconhecer que esse texto precisou de revisão de tradutores para aporuguesar minha narrativa textual, porque, para descolonizar(?), primeiro precisamos mostrar a perspectiva relativa ao pensar do sujeito surdo.

Nessa caminhada, torna-se necessário apresentar, do ponto de vista surdo, o espaço que a sociedade majoritária reserva para nós: um espaço sempre movediço, inseguro, que pode nos engolir com suas convenções, sem perceber que não somos seres inferiores. Somos sujeitos com convenções culturais e linguísticas diferentes tentando sobreviver diante do silenciamento que sofremos na História, nos espaços

² Nesta primeira seção a minha narrativa dissertativa foi escrita na primeira pessoa na perspectiva do português surdo que sofreu algumas alterações no processo de revisão realizado pelo orientador João Carlos Gomes e com apoio das tradutoras Ariana Boa Ventura e Edneia Bento.

familiares, sociais, e, principalmente em situações como essa, na qual, a minha intelectualidade precisa se apresentar com clareza para garantia do entendimento dessa proposta intercultural e acadêmica, no sentido da valorização da cultura e identidade dos surdos.

Nesta seção, busco revelar algumas vivências como surda, para propor experiências dialógicas entre os elementos da cultura surda e as demais culturas, na intenção de retirar o leitor de sua zona de conforto, numa aventura de possível desterritorialização para o encontro do outro que somos, que podemos ser, e do outro que nos tornamos quando nos reterritorializamos. Segundo Paraíso (2014, p. 39) a reterritorialização é uma experimentação em um universo desconhecido, para que possamos formar uma nova imagem de pensamento. Ela enfatiza que as pesquisas pós-críticas se utilizam fundamentalmente dessa premissa, como instrumento para encontrar outra linguagem, para dizer algo além daquilo que se encontra instituído.

Dessa forma, compartilho tal visão de minha vida, dividida e desterritorializada, porque é nesse espaço que me foi exigido viver, aprender, construir e me reconstruir. Paraíso (2014) corrobora neste sentido quando comenta que, territorializamos durante a aquisição da linguagem, a qual representa o mundo em que vivemos, e, sair desse mundo com significados estabelecidos e naturalizados é um processo inventivo de desterritorialização.

Com base nessa reflexão, reconheço que, ao nascer em uma família de ouvintes, durante muitos anos meus pensamentos (sempre em forma de imagens) cresceram desterritorializados, vendo as bocas das pessoas se mexerem sem entender o que estava falando. Ao crescer, e, posteriormente utilizar um aparelho auditivo, tive contato com diversos barulhos: os de automóveis, de aviões, de objetos batendo e caindo, mas não conseguia identificá-los. Se não pudesse ver a forma ou a origem de onde esses vinham, não sabia identificar o que era aquele som.

Minha família acompanhou e viveu esse processo de descobertas para uma criança surda que, de repente, entrou em contato com o mundo ouvinte, inculcandome desde então, seus valores, hábitos e costumes. Ao fazer isso, eles moldaram a minha própria comunicação com a construção de gestos, treinamento de palavras, desenhos, mímicas, brinquedos visuais e muito amor, que minha mãe nunca me negou por ser surda.

1.1. A escrita em língua portuguesa na cultura e identidade surda

Para produção desta dissertação foi necessário refletir sobre uma nova forma de escrever em língua portuguesa. A experiência de escrever numa outra língua é uma experiência tão interessante, que resolvi descrevê-la etnograficamente aos leitores deste estudo. Experimentar uma outra forma de escrever minha história de vida na família, na escola, na universidade e nos movimentos surdos foi uma oportunidade emocionante. Escrever em língua portuguesa me fez reconhecer que essa também é uma forma da cultura ouvinte brasileira de registrar a história humana. Neste sentido, tenho observado que escrever numa segunda língua, de modalidade oral, não é um processo natural para os surdos como o é para os sujeitos ouvintes. Por isso é importante revelar o que representa a escrita em língua portuguesa para a cultura e identidade surda.

Na língua portuguesa, há ocorrência de artigo, sujeito, verbo e objeto. Para nós surdos, que utilizamos uma sintaxe diferente na comunicação, é difícil entender e gravar tais regras para escrever. Por isso, na maioria das vezes, a exigência do português escrito como forma de expressão para os surdos, passa a ser uma forma de colonização da cultura ouvinte, demonstrando a falta de respeito à cultura e identidade surda que utiliza as regras da língua de sinais. Em língua de sinais, verbos são estruturados de forma visual, por exemplo, na frase: a árvore caiu, usamos apenas uma configuração de mão em forma de árvore e o movimento cair, sintetizando diretamente a informação (sinal imagem: árvore cair).

Na sequência apresento um exemplo da língua de sinais no pensamento dos surdos, ao formular uma frase em sua cultura e identidade.



'o sinal de árvore e o movimento da árvore caindo' - Figura 1 - Exemplo 1.

Nessa demonstração, apresento o sinal de árvore e o movimento dessa árvore até que ela caia completamente, resultando na frase em português: A ÁRVORE CAIU. Como se pode perceber em uma língua gesto-espaco-visual, não sinalizamos artigos ou verbo e sujeito separados. O verbo cair está incorporado ao movimento da árvore, que é o sujeito da oração. O tempo verbal (passado perfeito) também está incorporado (A ÁRVORE CAIU).

O primeiro sinal apresenta a árvore de pé, e o segundo, apresenta a árvore no chão, que se traduz: A ÁRVORE CAIU, outros exemplos poderiam ocorrer, se o sinal da árvore não concluir a queda, o qual, em português seria traduzido para: A ÁRVORE ESTÁ CAINDO, alterando o tempo verbal para o gerúndio. Percebam que, para um surdo, é muito difícil escrever em português respeitando tais estruturas, pois na língua de sinais não ocorrem artigos e os verbos se flexionam visualmente, bem como, os períodos são mais curtos.

Com isso, reconhecemos que não ser politicamente correto dizer que os surdos não sabem escrever português, ou que os verbos em Libras não são conjugados. A verdade é que, ao escrever em português, não temos nenhuma intuição fonética para percepção das diferentes conjugações de verbos ou compreensão da necessidade de artigos, conjunções ou preposições.

Nós simplesmente pensamos em imagens e escrevemos como pensamos, sendo essa a nossa forma de comunicação e expressão na língua de sinais. Nossas mãos, nossa expressão corporal e facial constroem o movimento dos signos de nossa linguagem.

A nossa língua materna ou nossa língua da herança é a alma e o espírito do povo surdo. Como podemos deixar de pensar por meio de imagens da nossa língua ao escrever em um idioma que nunca ouvimos? Uma língua oral é apreendida por nós surdos artificialmente, apenas vendo os movimentos da boca e expressões faciais na articulação das palavras.

Numa segunda figura, apresento a dificuldade que os verbos em português representam para os surdos, posto que esse seja uma língua diferente da nossa. Vamos analisar o verbo cair: quando o surdo lê uma frase, ele tem dificuldade de entender o verbo, quem ou o quê caiu, pois em português se escreve “a pessoa caiu”, ou, “a árvore caiu”, assim, o verbo não combina com a forma visual com que o surdo compreende o sentido da frase em língua de sinais.



O primeiro sinal apresenta a árvore de pé e o segundo apresenta a árvore no chão que se traduz:
A ÁRVORE CAIU. Figura 2 - Exemplo 2.

Na figura dois, no primeiro quadro, temos o sinal de árvore, ou, a árvore está de pé. No segundo quadro temos o sinal de pessoa de pé ou a pessoa está de pé, e no terceiro quadro, temos PESSOA CAIU. Assim, é importante observar que, para nós os verbos em português são complicados porque conjugamos os verbos visualmente incorporados ao sujeito. Dessa forma, cada quadro pode representar uma oração completa. Por isso, quando paramos de sinalizar, nosso tradutor de voz continua falando até concluir o sentido na interpretação. Algumas pessoas pensam que o tradutor inventa coisas, mas, como são línguas diferentes, em três sinais posso dizer três frases ou, com pouco mais de dez sinais elaborar um pequeno texto. Em português isso é impossível, pois as frases são construídas de forma diferente, portanto os textos dos surdos findam sendo menores por falta de recursos para a tradução cultural.

O resultado dessa peculiaridade, é que muitos de nós, surdos, criamos rejeição pelos estudos e pela leitura na infância, pois os textos não representam a estrutura da língua sinalizada ao expressar o modo como pensamos e compreendemos o mundo. Assim, fazendo uma retrospectiva de meus primeiros anos de educação, recordo que, só depois de muito sofrimento decorando palavras e classes de palavras artificialmente, é que consegui alguma proficiência no português escrito.

Desde a infância minha mãe estimulou meu olhar com histórias em quadrinhos, as quais apresentam uma forma de narrativa visual. Acredito que as narrativas visuais me ajudaram sobremaneira na associação de imagens e palavras para entender os significados das demais narrativas. No entanto, muitos outros surdos não possuem o

apoio da família, e, a grande maioria, somente na idade adulta irão começar a entender e quebrar algumas dessas barreiras. Tal problemática somada à falta de professores bilíngues e de intérpretes, gera comumente atrasos significativos na vida dos surdos, tornando a busca pela melhor qualidade de vida e trabalho numa concorrência injusta com a maioria ouvinte, e mesmo com outros surdos que tiveram melhores oportunidades de formação.

Com essas reflexões apresentadas, e, vivendo numa sociedade de maioria ouvinte, reconheço a necessidade constante de intérpretes/tradutores para revisar nossos textos, traduzindo para nossa linguagem as teorias e conceitos que encontramos nos livros. Somente com a ajuda dos intérpretes/tradutores na contextualização das falas, é que se torna possível compreender razoavelmente os processos de comunicação da cultura ouvinte. Quando escrevo em língua portuguesa, acabo por reproduzir no português a estrutura da LIBRAS, mas, muitas vezes, não tenho certeza sobre a conjugação dos verbos ou o uso dos artigos. Enfim, para escrever em português a colaboração dos intérpretes/tradutores contribui bastante, posto que esses possam entender melhor a forma como nós surdos apresentamos nosso pensamento, orientando assim, como adequar a nossa escrita tão criticada por professores da língua portuguesa culta.

1.2. A tradução cultural da língua de sinais para escrita em português

Cabe aqui comentar, a importância de compreender como ocorreram os processos de tradução e interpretação deste estudo e pesquisa. Tais reflexões são necessárias em função de ter optado em alguns momentos da escrita desta dissertação, pela manutenção de aspectos da estrutura de minha forma de pensar na língua de sinais, evidenciando certos conflitos encontrados em me fazer entender na escrita do português, para que, o leitor sinta ainda que, de leve, como é movediço meu desterritório gráfico, fundado na incerteza contínua sobre frases ou textos emitidos, cuja dúvida constantemente me assalta, ao perguntar a mim mesma: - Será que escrevi o que queria dizer?

Quando penso por imagens e sinalizo por imagens sem utilizar a oralidade, é importante realizar tal reflexão para que o leitor possa reconhecer os limites e possibilidades da minha cultura para produção de uma dissertação escrita em língua

portuguesa. Sacks (2013) contribui com essa reflexão etnográfica ao comentar que a natureza e o caráter de uma língua ser criativa e cultural. A língua alemã, por exemplo, possui um caráter cultural diferente da língua inglesa, fazendo com que, escritores e poetas como Shakespeare e Goethe sejam diferentes em suas obras. Nesse sentido, como tal situação poderia ser diferente com a LIBRAS?

Nesse contexto, reconhecemos que a diferença entre as línguas de sinais é bem menor que a línguas orais. Ao analisar a comunicação em língua de sinais, pode-se perceber sua qualidade divertida, como nas narrativas improvisadas que fazemos, chegando a brincar com os sinais ao traduzir sua essência com humor, imaginação e as marcas da personalidade dos comunicadores sinalizantes. Sacks (2013) corrobora nesse sentido ao afirmar que o corpo corresponde à alma dos surdos, o corpo representa a nossa identidade humana autêntica quando comunicamos.

Como a LIBRAS é a principal forma comunicativa de expressar minha alma e identidade pessoal, as marcas dessa identidade cultural na escrita, expressam a necessidade da apropriação de diálogos interculturais na construção dessa pesquisa. Tais diálogos interculturais, portanto, deram-se com a mediação das intérpretes e amigas Ariana Boaventura Pereira, Ednéia Bento de Souza Fernandes e, com meu orientador, o professor João Carlos Gomes, os quais, construíram junto comigo, importantes reflexões para a produção dessa dissertação. Essas mediações também permearam os momentos de incompreensão do contexto durante algumas leituras, mas principalmente na tradução de minha escrita para a estrutura da língua portuguesa.

Confesso que houve vários momentos na escrita que tive contato com palavras de difícil compreensão semântica, isso porque os sinais e imagens possuem melhores representações para minha língua que é gesto-visual. Meu orientador, o professor João Carlos Gomes, ao perceber que escrever algo tão pessoal em outra língua também me oprimia, ao não me sentir segura com as escolhas das palavras, sugeriu que, em alguns contextos mais complexos, eu fizesse narrativas filmadas em vídeo para que as intérpretes os traduzissem ao português, numa proposta de narrativa que fosse resultado do pensamento da cultura e identidade surda, sem a interferência da cultura ouvinte.

As duas intérpretes são hábeis pesquisadoras que contribuíram de forma significativa com a tradução para a produção dos dados e análise dos resultados da

pesquisa. Para a produção dos dados, essas apontaram ainda, a necessidade que tínhamos de realizar tais gravações e transcrições para a língua portuguesa com base na tradução cultural. Para tanto, utilizamos os recursos de tradução cultural refletindo e revelando alguns procedimentos sobre a transposição do código oral para o escrito na construção dos textos, numa proposta de História Oral.

No entanto, não gostei da expressão “história oral”, tendo discutido bastante sobre isso, mas, aos poucos fui compreendendo que é um tipo de pesquisa que valoriza a narrativa oral das pessoas havendo a necessidade de registrar por escrito suas experiências e que, tal instrumentalização combinava com minha tradição visual. Assim, procurei realizar as narrativas de cada seção em vídeo, com minhas intérpretes/tradutoras traduzindo minhas narrativas gesto-visuais em textos.

Após realizada a tradução, enquanto uma lia oralizando em português, a outra sinalizava em libras para mim. O resultado foi que nos emocionamos constantemente ao perceber que minha vida estava sendo traduzida para a língua portuguesa escrita. Eu nunca imaginei que poderia um dia, ser autora de minha própria história escrita em língua portuguesa, ou que isso tocaria de forma sensível o coração de outras pessoas ouvintes. Foi um trabalho demorado e cansativo, mas profundamente gratificante para as pessoas realmente envolvidas no processo.

Por outro lado, confesso que, tal abordagem etnográfica me deixou mais livre para reescrever vários momentos da minha trajetória de vida. Assim, utilizamos dos conceitos de desterritorialização e reterritorialização para povoar a pesquisa com o sentimento experimentado de ser uma surda em um mundo ouvinte, sendo essa, a forma que encontramos para trazer aos ouvintes uma visão mais complexa da cultura e identidade surda nos estudos da diversidade cultural na Amazônia.

1.3. Do princípio, uma escritura surda

Eu vir ao mundo no ano 1981 depois minha mãe, Irene Simionatto Stédile, contrair rubéola³ no terceiro mês de gravidez, complicações decorrentes dessa

³ Campanha do Ministério da Saúde do Brasil alerta que mães infectadas por rubéola podem ter filhos surdos ou com perda auditiva. Trata-se de uma doença aguda semelhante ao sarampo, de origem viral, caracterizada por febre, acometimento da mucosa do trato respiratório e erupção popular avermelhada, um pouco mais clara que a do sarampo e sem descamação.

patologia, eu nascer surda. Minha mãe revelar que na época, ficar muito preocupada durante gravidez, temer perder seu bebê. Ela perder outro bebê na primeira gravidez. Assim ela procurar ter cuidados especiais para manter gravidez e realizar minha gestação. O médico dela, por causa da rubéola, comunicar que eu poder nascer com alguma deficiência e sugerir aborto. Mas ela não aceitar aborto, insistir na minha gestação, saber ser gravidez risco.

Quando nascer, médico realizar vários exames verificar algum problema em mim, acabar declarar que eu nascer perfeita. Passar tempo, minha mãe começar a observar que eu ser criança saudável e dormir muito tranquila. Com passar dias, ela começar estranhar: ter comício político perto de casa e caminhão de som fazer muito barulho, eu não me incomodar com volume som, não acordar, mesmo barulho muito alto.

A partir disso, ela desconfiar problema, minha mãe me levar no especialista, realizar exames e identificar eu ser surda. Com resultado, minha mãe ficar tranquila, não sentir tristeza por isso, procurar pesquisar mais sobre surdez para tentar identificar estratégias ajudar na minha educação.

Hoje, reconhecer que meus pais foram guerreiros, buscar alternativas para me educar sem preconceitos comuns relacionados surdez. Meu pai foi outra pessoa importante que aceitar com tranquilidade minha surdez. Na realidade ele comentar que achar lindo comunicar comigo por meio de gestos e sinais. Até hoje ele gesticular muito para mim, os dois fazer expressão de rosto e corpo falar comigo. Em nossas conversas dialogar muito bem, sem nenhuma dificuldade de comunicação.

Eu recordar quando sair com minha mãe na rua, ela carregar cesto de palha e nós juntar pedaços pequenos de madeira até encher cesto. Quando chegar em casa, ela pintar aqueles pedaços de madeiras construir pequenos brinquedos. Com pedaços madeira, minha mãe ensinar brincar fazendo casas, barcos e outros brinquedos de criança. Ser interessante eu e minha mãe combinar gestos, dar significado cores e brinquedos que construir. Assim, meus brinquedos surdos ser construídos cores e formas muitas alegres.

A necessidade escola para surdos ser uma das primeiras lutas minha mãe defesa educação escolar minha. Como não haver escola para surdos no município de Pimenta Bueno onde morar, minha mãe junto com outros pais, criar movimento para pressionar prefeitura e políticos da cidade e criar o Centro Atendimento Pessoas

Especiais (CENAP), onde receber primeira formação educação escolar. Depois ir para Centro Reabilitação Neurológico Infantil Cacoal (CERNIC), onde receber cuidados especializados. Assim, educação escolar minha infância iniciar em escolas especiais, mas grande parte acontecer na escola regular, perspectiva educação inclusiva.

Passar escola especial fazer ter contato outros surdos, compreender melhor nossas semelhanças e diferenças relação família, professores e funcionários escola. Acreditar ter muita sorte, porque primeira professora foi minha tia, Iraci Simionatto Stedile Campos, ela sempre me colocar em lugares sala de aula onde eu poder visualizar gestos relacionados conteúdo aula sinais para mim. Ela sempre usar imagens processos ensino aprendizagem atividades pedagógicas que passar para mim.

Minha mãe sempre ser minha grande professora. Ela estimular muito minha aprendizagem em casa com atividades pedagógicas, usar imagens e língua portuguesa escrita. As atividades essas, minha mãe ajudar muito desenvolvimento minha aprendizagem. Ela me fazer ver, entender o que ser ensinado na forma gesto-visual, sempre cobrar realizar atividade escolar em casa e estimular usar cadernos, recortar revistas, realizar pinturas, identificar gravuras, usar gibis da turma da Mônica unir imagens e palavras. Eu apaixonei gibis da Mônica. Com isso, começar colecionar gibis da Mônica como primeiros livros.

Com livros didáticos escola, minha mãe também estimular meus estudos. Ela usar todo tipo estratégias pedagógicas contribuir minha aprendizagem, utilizar caderno reforço para orientar, reconhecer letras e palavras língua portuguesa. Lembro ela me fazer recortar imagens relacionar palavras, depois me treinar reconhecer movimento lábios conforme letras. Com isso, eu aprender identificar assunto professora pedir fazer ditado palavras na sala de aula. Ser difícil para mim, mas esse ser o possível ela poder dar instrução naquela época.

Desde início dos estudos, sempre gostar mais de matemática porque ver imagens dos números e imagens da representação das quantidades e operações explicadas. Isso ajudar muito a criança surda, principalmente início da vida escolar, quando ela ainda não entender bem qual é sua diferença, pois, segundo Vilhalva (2004), uma criança não ter consciência sobre surdez, ela convive com outras crianças acreditando ser igual a elas.

Depois de algum tempo, essa percepção se dar principalmente na escola,

porque vai perceber distante do universo da leitura das palavras faladas ou orofaciais, não entender bem a importância dos movimentos dos lábios como expressões comunicativas, e, depois de muito observar limitação para esse tipo de comunicação e entrosamento da professora com os outros alunos, é que nós, surdos, entender que não faz uso dos mesmos movimentos para comunicar.

Infelizmente os professores não entender usos da comunicação espaço-gesto-visual. Muitos professores não perceber ser uma comunicação diferente, outros movimentos, não da língua e dos lábios, mas do corpo todo. Esse não aceitar, conforme Vilhalva (2004), pode tornar processo de conscientização da diferença uma experiência dolorosa, causar na criança surda dificuldade de socializar.

Essa mesma pesquisadora alerta que, dar à criança surda uma atenção diferenciada, se os pais e professores aprender a língua de sinais e a comunicação se fazer preferência gestual com ela, aos poucos essa perceber a face dos professores e pais como iluminação da comunicação deles. A partir daí ela registrar movimentos dos lábios e expressões como palavras chave de contextos e conceitos fornecidos a ela.

Portanto, algumas crianças surdas desenvolver percepção tão aguçada dos hábitos familiares faz com que essa, “leia” as intenções e as conversas do grupo em volta. O fato de ler lábios e expressões, induz ouvintes do grupo acreditar que criança não precisar aprender língua de sinais. Isso ser prejuízo que a criança surda estar sujeita, pois nós desenvolver uma cultura visual, ser processo mental diferente, e, consequência aprender leitura e gramática dever seguir caminhos estruturados no processo mental.

Dessa forma, os conceitos de princípio, meio e fim apreendidos pela criança surda ser de modo diferente do aprendizado criança ouvinte, segundo Vilhalva (2004), pois, para surdo, a necessidade ir direto ao fim: primeiro, surdos perceber fim ou meio, depois de algum tempo, chegar ao princípio do que explicar, daí sua dificuldade, mesmo alfabetizado, para elaborar texto ou interpretar história, porque, processo percepção visual através da leitura de palavras faladas, seguir lógica específica.

Precisar que surdos aprender língua de sinais e construir parâmetros de comparação nas duas línguas, principal na forma escrita. A escrita da língua de sinais dar para surdos percepção visual fonética da língua de sinais, fazer compreender que, língua portuguesa ser segunda língua para surdos, ser normal não conseguir

compreender alguns textos ou não construir algumas sentenças corretamente, pois tratar de língua estrangeira.

O que desanimar surdos na leitura, é a língua portuguesa ser ensinada como primeira língua na forma escrita, e também ser cobrada muitas vezes como primeira língua, tornar resultado frustrante para os surdos. Durante alguns anos fazer atendimento com fonoaudióloga para aprender relacionar sons e letras, mas, graças a Deus, minha mãe entender que eu precisar sinalizar!

Minha mãe ser visionária, ela acreditar em mim antes que eu compreender as barreiras que ter que enfrentar pela minha diferença. Do jeito dela, ela me apoiou, criar estratégias para me ensinar, me corrigir e disciplinar. Ela sempre ser muito firme.

Desde que nascer, ela fazer diário, registrar meu desenvolvimento, exames, descoberta da minha surdez, primeiro rabisco, primeiro desenho, primeira letra. Lembrar do que viver com ela, ver e ler esses registros, me emocionar com amor que me dedicar. Essas recordações que ela juntou no trabalho dela, nos afazeres de casa nos cuidados comigo. Por amor ela lutar. Com amor me ensinar a lutar.

Tempo de criança com mãe, ela me fazer entender que ter muita coisa para eu aprender. Ela querer eu falar história de contos de fadas (literatura), ensinar estudar português. Ela me estimular ler e recontar histórias. Também antes de dormir, me ensinar ser educado dizer boa noite sempre. Nessa época, eu ir sozinha para escola, minha mãe sempre muito firme, eu precisar fazer coisas sozinha, manter rotina até o ingressar e terminar faculdade, pois aprender ser muito responsável com os estudos.

Meus pais se separar quando eu muito pequena. Meu pai tentar me levar em segredo com ele, mas não conseguir, minha avó desconfiou e não deixar. Eu sei que eles não separar por minha causa. Problema que aconteceu entre eles. Quando eu já adolescente, visitar meu pai no Paraná. Ele ficar muito emocionado quando me encontrar. Me abraçar chorar, me levar para seu apartamento e pedir pizza para jantar. Quando estar comendo, Mirian, esposa do meu pai, discretamente apontar para eu olhar para ele: ele chorar, eu não entender porquê. Ele gesticular que estava feliz por estar comigo novamente.

Meu pai Sérgio Augusto de Assis, gesticular muito bem e usar gestos para nossa comunicação. Ele me mostrar para todos amigos, dizer que ser lindos meus gestos, minhas expressões, ele me entender. Outro dia ele fazer almoço para me apresentar todos parentes e amigos. Ele dizer: “essa é minha filha, é sua prima; é sua

sobrinha; é sua neta”.

No dia de retornar para Natal, ele chorar muito, dizer que me dar o que eu quiser se eu aceitar ficar e morar com ele. Eu dizer que ele ter outros filhos e minha mãe só ter a mim. Ele responder que eu ser primeira filha, que eu ser filha surda dele. Ele tocar meu coração, mas eu não poder deixar minha mãe, ela ser minha referência de coragem e força. Voltei para Natal.

No meu casamento eu queria entrar sozinha na igreja. Eu não saber se meu pai vem para entrar comigo, minha mãe me aconselhar chamar ele para entrar comigo. Eu não querer. No fundo, ter medo ele não vir. Então ele me surpreender no dia meu casamento, ele aparecer na porta todo arrumado para me buscar, me levar no altar. Entrar os três: eu de braços dados com minha mãe e meu pai.



O pai e mãe no dia do casamento - Foto Álbum da Família Indira

No meu casamento eu querer entrar sozinha na igreja. Eu não saber se ele vem para entrar comigo, minha mãe me aconselhar chamar ele para entrar comigo. Eu não querer. No fundo, ter medo ele não vir. Então ele me surpreender no dia meu casamento, ele aparecer na porta todo arrumado para me buscar, me levar no altar. Entrar os três: eu de braços dados com minha mãe e meu pai. Ele chorar muito, eu também me emocionar bastante. Ele ficar até final da festa me observar, no fim de tudo me abraçar e despedir.

Ele pedir para levar banner com minhas fotos e ser última vez que ver meu pai. Ele morrer dois anos depois do meu casamento. Ele ter orgulho de mim. Ele me aceitar. Com seus gestos, com sua emoção e com suas mãos ele dizer isso. Sem saber LIBRAS ele conversava comigo, nós nos entender até quando olhar!

Meus pais ser muito importantes para que eu me sentir independente, mesmo nos momentos de insegurança, seguir em frente. Já sofrer preconceitos muitas vezes por ser surda, mas sempre seguir meu caminho, porque eles me valorizar sempre se orgulhar de mim, eles nunca me esconder de ninguém, eles gostar de dizer “essa minha filha”, cada dificuldade pensar eles sempre acreditar na minha capacidade. Por isso, não dar a ninguém direito de dizer que não sou capaz!

1.4. O que um surdo quer, outro surdo também quer!

Meu primeiro amigo surdo ser Eliton, em Pimenta Bueno. Primeiro amigo surdo, é infância. Nós sempre juntos em contato para brincar, nos tornarmos amigos bons. Também íamos juntos numa Kombi escolar para CERNIC em Cacoal. Eu sempre visitava e dormia na casa dele ou ele na minha casa como melhores amigos. Eu perceber ele gostar de mim e confiar mim mais do que nos outros. Eu também sentir igual.



Índira e amigo Eliton na infância – Foto: album de família de Índira

Nas minhas experiências de infância e maioria dos surdos sempre existir

necessidade de reconhecer a si mesmo pelo outro que é surdo. Emmanuelle Laborit (2002) relatar que seu colega surdo brincar com ela no mesmo quarto, se comunicar com desenvoltura e ter gestos e mímicas exclusivas só para eles.

Eu ter meu amigo Eliton, ele ser igual a mim, seu corpo comunicar igual meu corpo, contar histórias, ter entre nós muito entendimento sobre nossa semelhança e nossa diferença em relação aos nossos familiares. Compreender muitas coisas com meu amigo Eliton.

Quando li o livro “Em busca da Surdidade” de Paddy Ladd (2013), um surdo britânico ativista do movimento surdo mundial, conseguir compreender minha experiência com Eliton, também experiência de muitos outros surdos com relação amigos surdos. O autor critica o modelo de educação não compreender íntima ligação existir entre surdos. Ele afirma negligenciar identidade é separar surdos e limitar espaço de comunicação gestual - maneira de destruir manifestação cultural minando expressão artística e literária que surdos construir entre seus pares.

Emmanuelle Laborit (2002) afirmar reconhecimento ser espontâneo e imediato de surdo para outro surdo: um jeito de apontar e gesticular na direção de uma pessoa já diz “-És surdo? Eu sou surdo”, pronto, sujeitos surdos desenvolver mesma solidariedade igual muitos turistas quando encontrar países estrangeiros. Eles falar sobre falta comunicação família, escola, trabalho: relato de surdo ser experiência outro surdo. Esse desabafo acontecer língua de sinais, expressão mais autêntica das narrativas surdos, transformar encontro entre eles num momento sagrado e sempre desejado.

Quando mudar para Porto Velho, passar menos contato com Eliton, sofrer saudades. Estudar na escola luterana atendia crianças e adultos surdos. Essa experiência fortalecer minha identidade surda e clarear busca da minha família por melhores métodos ensino para mim. Depois muito tempo, minha mãe buscar atendimentos mais especializados para me levar morar em Natal, Rio Grande do Norte (RN). Sentir mais distante Eliton. Muito difícil para mim.

Eu não esquecer amigo Eliton. Guardar boas lembranças nossos momentos divertidos, conversas e fantasias. Quando minha vovó ligar informar minha mãe sobre notícias tristes para mim, dizer “-Seu amigo Eliton morreu acidente”. Eu não conseguir acreditar, ele novo, minha idade, impossível acreditar! Ficar chocada! Eu perder meu grande amigo Eliton, sentir ele parte de mim. Parte de mim se perder.

Eu não conseguir explicar como me sentir. É difícil explicar como sentir surdo com morte outro surdo. Nunca acontecer na minha vida, perder meu primeiro amigo surdo. Eu engolir e esconder meu choro. Ainda ter boas lembranças até hoje. Fui passear, visitar minha família lá e amigos surdos falar Eliton sinalizar muito sobre mim. Eu ficava emocionada. Eu querer agradecer ele por conhecer e saber de amizade por mim. Não sentir com outros amigos igual, sentir com meu amigo surdo. A morte do amigo surdo, me fazer sentir muita tristeza, choque nunca sentir com morte de ouvintes.

Lá em Natal (RN) conhecer outros surdos e adultos surdos Associação de Surdos Natal (ASNAT), mas, eu muito nova, não poder ir sozinha reuniões porque morar muito longe. Importante conhecer adultos surdos ainda cedo, porque ter certeza crescer igual eles, comunicar com fluência em língua de sinais. Para criança surda nascer família ouvinte, quando conhecer adultos surdos ainda infância, perceber diferenças, fazer muitas perguntas, tentar entender, saber até quando desenvolvimento ser diferente dos ouvintes.

Emmanuelle Laborit (2002) e Paddy Ladd (2013) na busca pela Surdidade entrevistar surdos que relatar experiências e angustias comuns: crianças surdas em famílias ouvintes, escolas de ouvintes não visualizar existência de surdos adultos, começar explicar essa ausência, imaginar que surdos morrer antes de ficar adultos. Isso tornar construção negativa para surdos isolados de outros surdos ficar sujeitos.

Paddy Ladd (2013) afirmar também crianças surdas nascidas em famílias ouvintes vivenciar outra construção negativa: abismo entre ser surdo e cultura ouvinte. Eu esperar até 13 anos idade para ter liberdade frequentar associação compreender conversas entre surdos adultos, entender vida diária surdo adulto sociedade ser mais abrangente. A falta de compreensão ser surdo pela criança é construção negativa, provoca atraso vida surdos, tanto no processo aquisição língua de sinais, quanto ampliação leitura do mundo. Com isso, surdo acaba sendo penalizado como atrasados escolas e universidades. Como maioria ouvinte não entender modo de construção pensamento surdo, acredito que eles não comunicam bem. Então, para entender comunicar melhor português, encerro aqui minha escritura surda. Passar seguinte escritura mediar tradução.

1.5 – O silêncio como experiência de ser e estar sendo surda⁴

Muitos surdos pensam sobre o silêncio como um questionamento existencial sobre seu modo de viver e se relacionar com o mundo. Emmanuelle Laborit (2000) surda francesa, registrou suas percepções sobre o significado do silêncio. Para ela, todas as pessoas significavam um silêncio apavorante. Com exceção de seus pais, todas as outras pessoas representavam o silêncio através da ausência de comunicação.

O silêncio para os surdos não é somente ausência de som. Como surda, posso construir significados sobre o silêncio. Em alguns lugares, há placas pedindo silêncio, essa palavra sempre está presente na nossa vida. Quando era criança, ganhei aparelho auditivo, ouvia muito barulho, carros, panelas, televisão e coisas caindo, mas não ouvia vozes. Podia saber que alguém gritava, mas era um ruído sem significado algum. Não conseguia saber o que estavam falando. No começo, eu gostava daqueles barulhos, aumentava o volume da televisão, batia na mesa e fazia muito barulho. Minha família ficava incomodada com aquele barulho que eu estava descobrindo. Tudo era novo para mim.

Quando compreendi que os aparelhos de fato, não me ajudavam a compreender o mundo, pelo contrário, me causava incômodo por causa do volume do alto-falante, pois o aparelho ampliava todo som ao meu redor causando-me nervosismo e fortes dores de cabeça, sem contribuir na compreensão das palavras que me eram ditas. Desisti de tentar ouvir, então, o silêncio voltou à minha casa, e minha família compreendeu que não adiantava forçar o uso do aparelho, eu fiquei mais calma e toda a família ficou mais confortável.

Passei a não querer nada de som na televisão. Quando chegava em casa, ligava televisão e deixava sem som, só com imagens e lia legenda, às vezes minha mãe me falava: “eu escuto, eu quero assistir com som”. Eu não percebia que isso era importante. Até hoje, não gosto da vibração que sons muito fortes fazem. Tenho vontade de vomitar. Sempre persegui o silêncio, para compreender o que é o silêncio para um surdo.

⁴ A minha escrita a partir deste item será mediada para tradução do português escrito e suas normas. Essa fase de tradução foi realizada pelas tradutoras Ariana Boaventura e Edneia Bento, com revisão realizada pelo orientador João Carlos Gomes.

Lembro de quando ia à igreja com minha avó, ela ficava de joelhos rezando, eu olhava ao redor e tudo estava quieto. Então eu sentava quietinha balançando as pernas no banco e esperava ela terminar para irmos embora. Aquilo era silêncio, nada de movimento de bocas, de mãos, de nada. Comecei a entender que o silêncio é entediante. Depois de um tempo, ela percebeu que eu não gostava de ir à igreja, então um dia ela foi sozinha e me deixou em casa dormindo. Depois eu acordei, senti sozinha sem vibração de som de portas, panelas e sem movimento de pessoas em casa. Aquilo também significou silêncio, o vazio de pessoas e dos movimentos. Sai do quarto e vi tudo escuro dentro de casa, e senti: silêncio também é escuridão. Então eu comecei a abrir as janelas e liguei a televisão, quando minha avó chegou ficou surpresa porque eu estava tranquila sozinha.

Assim, fui entendendo com minha diferença o que é silêncio, então posso dizer que vejo o silêncio. Os surdos são pessoas que entendem o mundo através da visão, e expressam seu mundo pelo corpo. As cores e o movimento da natureza também podem nos trazer sensação de silêncio.

Emmanuelle Laborit (2002) comenta que a luz é fundamental, a maioria dos surdos gosta do dia e da luz. A noite é um tipo de silêncio forçado para nós que somos pessoas visuais. Precisamos ver onde estamos para entender o que está acontecendo. É pelos olhos que captamos as expressões físicas e faciais das pessoas para interpretar o lugar de perigo ou de segurança. Também é pelos olhos e corpo que trocamos essas informações com outros surdos.

Busquei na biografia de Shirley Vilhalva (2004), inspiração para falar das minhas experiências. Todos nós surdos compartilhamos experiências que nos identificam como povo surdo. Mas ser mulher surda descendente de povos indígenas, com engajamento no movimento surdo na Amazônia, aumenta meu afeto e respeito pelo que temos em comum.

Nossa experiência passa por aqueles que sofreram a dominação histórica colonizadora. O livro “O despertar do Silêncio” é autobiográfico que a pesquisadora fez depois de conseguir concluir seu mestrado, fazendo o mapeamento das Línguas de Sinais emergentes em comunidades indígenas do Mato Grosso do Sul. Além de sermos mulheres surdas do movimento surdo, descendentes de povos indígenas, somos professoras surdas, que atuam no ensino superior na Amazônia e que guiam nos estudos propostas de empoderamento do povo surdo através da valorização da

língua de sinais, do registro dessas manifestações linguísticas e da cultura surda.

Nasci no interior de Rondônia, na cidade de Pimenta Bueno. Descendente de italianos por parte de minha bisavó materna e indígena da parte de meu bisavô paterno que era espanhol e casou com uma indígena Guarani.

Quando li o livro de Neide Gondin, *A Invenção da Amazônia*, li e não pensei só em minha identidade indígena, porque havia perdido, imaginei que minha avó sofreu em uma família de maioria não indígena. Porque os não índios e não surdos sempre querem nos ajudar a deixar de ser quem somos. Eles acreditam que vão nos ajudar a desenvolver melhor, que o desenvolvimento está ligado à semelhança com o modo de vida deles. São boas as intenções, mas fazendo isso estão apagando nossa identidade, nos deixando sem referências culturais autênticas e não nos transformando em pessoas melhores. Coitada minha avó sofreu como eu, que estudei a maior parte da vida em escolas de maioria ouvinte.

Hoje reconheço que não tive nenhum tipo de rejeição na minha família, nunca me esconderam dos amigos e vizinhos como muitos familiares de surdos fazem. Minha mãe foi uma lutadora. Depois da separação dos meus pais ela me educou sozinha e teve muito apoio dos meus avós. Ela viajou para o sudeste do Brasil para descobrir métodos de ensino e aprendizagem que pudesse me ajudar.

Recordo que quando era mais crescida ela procurou um especialista em implante coclear pensando em melhorar minha vida. Graças a Deus o médico teve muita consciência e aconselhou ela a me fortalecer na educação de surdo, ele disse que eu precisava de escola e que ela precisava lutar por isso porque o implante não ia melhorar minha vida. Depois daquilo ela teve certeza que intuitivamente nossa relação estava no caminho certo o tempo todo: educação de surdo pela língua de sinais.

Ela sempre me estimulou na pronúncia de algumas palavras, me incentivando e treinando leitura labial, mas nunca rejeitou minha comunicação gestual pela língua de sinais. Falar não era uma imposição, ela queria que eu tivesse menos barreira de comunicação em outros lugares que frequentava. Ela queria que eu pudesse me comunicar com outras pessoas sem depender de ninguém. Ela me criou sozinha, e, como ela precisava trabalhar, ela buscava me ensinar a ser independente.

1.6. O pertencimento à uma língua e cultura de herança

Em Natal sempre vivi com o coração dividido entre os privilégios de um movimento surdo estabilizado e o início de uma luta surda em Rondônia. Existia uma ligação forte eu não conseguia romper com minhas origens.



Indira na infância com crianças em Rondônia - Foto: Indira Simionatto Stedile Assis Moura

Com os surdos de Rondônia comecei a desenvolver minha língua e cultura. Era algo que vinha de dentro para fora, nós inventávamos histórias e brincadeiras espontaneamente, entre nós a comunicação fluía, era um tempo mágico de entendimento. Mas também era insuficiente para aprofundarmos nossas histórias e vivências.

Essas experiências reforçam as afirmações de Quadros (2017, p.76) que comenta que muitos surdos entre sua família ouvinte sentem-se fora do lugar. Porque embora estejam entre os familiares que os amam e zelam pelo seu bem, não constroem um espaço de compartilhamento de vivências felizes ou tristes, não há um espaço de trocas de sentimentos, elogios, palavras de incentivo, de provocações de humor. Nada disso é partilhado.

Quadros (2017, p. 76) sintetiza essa experiência dos surdos fazendo analogia com uma peça que não se encaixa no quebra-cabeça de origem e que de repente ao encontrar outros surdos, é como se aquela peça encontrasse seu verdadeiro quebra-cabeça, porque tudo combina e se encaixa entre os surdos, nossa comunicação, nosso sentimento na família, nossas necessidades, e nossa forma de ensinar um ao outro aquilo que já aprendemos com muito sofrimento por falta de clareza na comunicação com ouvintes. Um surdo explicando sobre a vida para outro fica muito mais fácil de ser compreendido.

Quando saí do Estado de Rondônia, pude perceber como era importante que eu retornasse, porque em quase toda a minha vida, minhas raízes estavam no município de Pimenta Bueno onde moram meus tios, primos, avós e amigos surdos de infância, e capital, Porto Velho, os amigos surdos que conheci nas escolas e que construí laços de amizades solidas. No estado de Rondônia tenho amigos que tenho uma forte identificação que nos uni de forma solidaria.

Segundo Quadros (2017), língua de herança é a língua da família, em um contexto interno e restrito, sendo que no contexto externo outra língua é falada nos outros espaços da sociedade, como meios de comunicação, escola e religião, portanto, em relação aos surdos, sua língua de herança é a língua de sinais, pois apenas filhos surdos e filhos ouvintes de pais surdos podem receber como herança durante a infância.

Esses falantes de herança crescem e se desenvolvem cultivando essa língua de herança tornando-se bilíngues. No caso dos surdos, filhos de pais ouvintes essa língua de herança só vai ser desenvolvida nos espaços escolares quando os pais recebem a orientação adequada para oportunizar aos filhos surdos uma educação bilíngue. Dessa forma, quando os surdos filhos de pais ouvintes, encontram seus amigos surdos filhos de pais surdos, lamentam não terem tido a mesma sorte. Assim, Quadros (2017, p. 2-12) alerta sobre uma realidade concreta: surdos que são filhos de pais ouvintes adquirem tardiamente a língua de sinais pois estão imersos numa perspectiva histórica de um país que supõem possuir uma cultura monolíngue.

Entre nós surdos essa cultura e língua de herança é muito mais do que aquela comunicação íntima entre nós. É a possibilidade de contribuir para diminuir a causa dos sofrimentos que persistem pela falta de preenchimento nesse sentimento de estar fora do lugar. Quando descobrimos outros surdos e nos comunicamos com eles é

como se fôssemos da mesma família, é um laço muito forte que é criado mesmo em pouco tempo de convívio.

Eu sentia que no meu coração tinha sido depositado um tesouro de conhecimentos que adquiri com os surdos vindo o de Natal - Rio Grande do Norte. Quando eu vinha de férias para Rondônia e tinha vontade de ajudar criando oportunidade para surdos aqui aprender o que havia aprendido com os surdos de Natal. Lá, sempre estudei em escola inclusiva, minha mãe foi muitas vezes à escola pedir uma atenção especial para mim, que às vezes surpreendia os professores de matemática com meus conhecimentos, pois eu adorava matemática, é uma linguagem que se trabalhada de forma visual tem resultados. Nós surdos compreendemos bem, mas detestava a língua portuguesa. Não gostava porque não entendia quase de nada desta língua oral.

Quando estava em Rondônia encontrava amigos surdos para conversar, passear e estudar. Me sentia mal em ver que meus amigos surdos de infância não eram acompanhados nos estudos. Achava que eles estavam passando por processo injustiça. Conseguia compreender que a vida escolar deles não estava sendo igual a minha. Percebia que muitos haviam desistido da educação escolar, enquanto outros, encontravam-se na escola inclusiva sem intérpretes e atrasados nos estudos. E, ao voltar a Natal, tinha mais vontade de estudar para melhorar meu conhecimento, mas também ficava pensando sempre em voltar a Rondônia para ajudar meus amigos aprender os sinais e as coisas que eu havia aprendido em Natal.

Ao entrar para faculdade em Natal, Universidade Potiguar (UNP), tive de lutar no Ministério Público Estadual (MP) para assegurar meu direito a ter um intérprete em sala de aula. Fiz o Curso de Graduação em Sistemas de Informação. Essa foi uma lição que precisava mostrar aos surdos de Rondônia: assegurar o direito de ter intérpretes em sala de aula. Isso é necessário porque alguns surdos desistem por não receberem apoio nem orientação de como lutar pelos seus direitos, parece que a família acha isso perda de tempo, os intérpretes sempre ocupados em escolas também não têm tempo, e os surdos sempre saem perdendo nos processos de ensino e aprendizagem por falta de interpretes na educação escolar, principalmente no ensino superior.

Em Natal, iniciei o curso superior na modalidade à distância num Polo em Natal da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) de Letras/Libras, mas fiz metade

do curso e acabei trancando. Nesse período, conheci outros surdos que participavam de uma associação, como havia ficado muito próxima deles, me ensinaram como funcionava uma associação de surdos para lutar pelos direitos surdos. Por isso parei de estudar e decidi aprender sobre associações para juntos com os surdos fortalecermos as associações de surdos em busca de melhor qualidade para a educação de surdos. Na luta em associações compreendi que somos um povo e não estamos sozinhos, temos associações de surdos em quase todos os Estados e em todos os países do mundo.

Junto com os surdos que estavam militando em associações a comecei a conhecer a verdadeira história da educação dos surdos. A militância me levou a reconhecer que a histórica pela melhoria da educação de surdos é uma luta de séculos. Quando em 1760 o abade Charles-Michel de L'Épée provou à sociedade filosófica francesa a capacidade dos surdos de aprender matemática, filosofia, latim, francês e muitos outros conhecimentos, a educação de surdos foi construída com muita garra. Com essa atitude de L'Épée os políticos se convenceram e aceitaram a criação do "Instituto de Surdos-Mudos" como um dos marcos iniciais da educação de surdos.

No contexto histórico da educação de surdos Strobel (2009) comenta que na antiguidade os padres eram responsáveis pela educação dos surdos da realeza e da nobreza, porém os surdos pobres eram abandonados à própria sorte. Neste período o método de ensino era secreto porque a igreja queria preservar os favores financeiros das famílias dos surdos. Neste rumo foi L'Épée quem quebrou a dominação da igreja sobre os surdos que existia, e foi graças à valorização da identidade dos alunos surdos que ele aprimorou o método de ensino para os surdos e investiu na formação de professores surdos como Laurent Clerc que foi para os Estados Unidos e Ernest Huet que veio ao Brasil. Ambos saíram da França sozinhos, e muitos outros também saíram para ajudar a criar escolas para surdos em vários países do mundo.

Nos livros sobre os Estudos Surdos (2006, 2007, 2008, 2009) que foi uma coleção de quatro volumes distribuídos para as primeiras turmas do Letras Libras, os pesquisadores surdos doutores divulgam muitas pesquisas. Tem uma pesquisa de Strobel (2007) que ela apresenta vários surdos inventores, como Thomas Edison, (o inventor da luz elétrica), Lou Ferrigno (o famoso ator da série de televisão "O incrível Hulk"), entre outros. Neste contexto histórico Strobel (2007) assegura que não há o

reconhecimento das pessoas famosas da cultura e identidade surda na construção da história, isso acaba contribuindo para negação de registros históricos que demonstram a presença dos surdos em momentos históricos importantes da história da humanidade.

Em Natal Aprendi também como funcionava a diretoria de associações, sobre regimento, documentação e tudo que poderíamos conseguir com associativismo. Paddy Ladd (2013) corrobora com essa compreensão ao afirmar que os surdos criaram associações, no período em que o Congresso de Milão proibiu o ensino através das línguas de sinais e mandou embora das escolas professores surdos e intérpretes. Neste contexto histórico, os grupos se juntavam para organizarem movimentos de resistência, enquanto que os alunos dos internatos, que eram mais crescidos, também frequentavam as associações nas férias e contribuía com a luta dos povos surdos. Pois quando voltavam de férias, ensinavam secretamente tudo aos mais novos, para alimentar neles a identidade e a cultura própria dos surdos. Muitos eram punidos severamente, tendo as mãos amarradas ou sendo espancados. Mas, segundo Paddy Ladd (2013), os castigos os transformavam em heróis perante os outros surdos, estimulando cada vez mais a luta pelo uso da língua de sinais.

Dentro deste contexto histórico de militância na organização de associações de surdos eu aprendi que o reconhecimento da cultura e identidade surda e de fundamental importância para a consolidação da educação de surdos. Com a militância no movimento surdo não consegui terminar o curso de Letras Libras que tive de trancar, mas ganhei outra formação que o curso não iria me proporcionar. Com isso aos poucos fui melhorando a minha formação e aumentando os meus desejos de voltar à Rondônia, sempre sentindo que deveria retornar ao estado de Rondônia para ajudar melhorar a educação de surdos. A minha consciência política me levou aos poucos a reconhecer que não podia guardar todo aquele conhecimento só para mim.

Com formação política que fui adquirindo na militância em associações fui sensibilizando que os surdos de Rondônia precisavam de ajuda para alcançar novos conhecimentos. Aos poucos os nossos laços de amizade sustentado na cultura e identidade surda foram se fortalecendo cada vez mais. Com o passar do tempo, ainda estudante de Sistemas de Informação, voltei a ter contato via internet com um amigo de infância em Rondônia, o surdo Franco Adam Moura, que morava na capital, Porto Velho, e, logo depois desse reencontro, nós dois ficamos solteiros e decidimos iniciar

um namoro a distância. No primeiro encontro presencial nos apaixonamos e já decidimos ficar noivos. Isso reforçou e justificou para minha mãe a minha vontade de voltar para Rondônia e colocar em práticas meus desejos e sonhos.



Indira e Franco Adam Moura e na infância e depois de casados Foto: Indira Simionatto Stedile Assis Moura

Após minha formatura, nos casamos na cidade de Pimenta Bueno, e depois viemos morar em Porto Velho. Eu sentia algo em mim, sentimento que “minha missão” é ajudar os surdos e os intérpretes do meu Estado do coração. Minha identidade falava dentro de mim, meus amigos surdos em Rondônia, o lugar onde começou minha vida quero fazer minha história e do meu povo Surdo. Amo essa terra Rondônia e sempre me sentir estranha em Natal, aqui sinto que é meu lugar é meu povo e tenho muito orgulho de ser rondoniense e fazer minha História neste estado.

1.7. O Movimento Surdo em Porto Velho

Na cidade de Porto Velho, passei a entrar em contato com os demais surdos e intérpretes, observando os problemas e as necessidades da comunidade surda local,

regional e estadual. Depois de certo tempo, procurei convidar um grupo de surdos, e outro, de intérpretes, e, juntos, decidimos fundar uma associação que nos representasse como pessoa jurídica, identificar e explicar os tipos de problemas, contextualizar com as políticas sobre o surdo no Brasil.

Confesso que não foi fácil, pois tivemos de lidar com a falta de conhecimento de muitos surdos sobre o associativismo e representatividade, e não foi sem oposição, pois existia dentro da própria comunidade surda, intérpretes que não aceitavam essa visão para os surdos. Depois que realizamos um amplo trabalho de sensibilização e conscientização da comunidade surda conseguimos consolidar os registros da Associação dos Surdos de Porto Velho (ASPVH), e, aos poucos, os surdos que tinham resistência e ficaram na oposição foram entendendo necessidade que tínhamos de organização para as lutas dos movimentos surdos. Com cuidado utilizando das mídias sociais fomos sensibilizados os surdos e eles entenderam que não era uma ideia para dominá-los, mas era uma forma de organização que vinha acontecendo em todo Brasil para a valorização da cultura e identidade surda.



Registro de Consolidação da Associação de Surdos de Porto Velho – Foto: Joesér Álvarez

A nossa organização em associação tornou possível o fortalecimento das lutas dos surdos de Rondônia dentro do cenário social e político nacional. A nossa organização no estado assegurou respeito e dignidade a comunidade surda. Também

nos tirou da invisibilidade social, histórica e política que antes estávamos. A inauguração e lançamento da ASPVH, foi um evento que contou com a presença de dirigentes da Associação de Surdos de Goiânia e outros estados e a participação do grupo de Teatro Art Performance Surda, reunindo a quase total comunidade de familiares e intérpretes, que lotaram o Teatro Municipal local, numa noite inédita em julho de 2010.



Evento de lançamento da ASPVH no teatro municipal de Porto Velho - Foto: Joesér Álvarez

Como a primeira presidente da Associação dos Surdos de Porto Velho (ASPVH), comecei a organizar e realizar palestras educativas dentro das atividades associativas, bem como de eventos que tivessem a participação de grande parte dos surdos, parentes, amigos e intérpretes da cidade, como as comemorações do Dia do Surdo e o primeiro Baile Surdo da cidade que se tornou um marco histórico da nossa organização em Rondônia.

Na perspectiva de uma organização associativista há de se compreender que “uma comunidade surda é um grupo de pessoas que mora em uma localização particular, compartilha as metas comuns de seus membros e, de vários modos trabalha para alcançar essas metas” Carol Padden (1988). Nesse sentido, a Comunidade Surda é formada por pessoas surdas e ouvintes que lutam pela valorização da cultura e da identidade do povo surdo, tanto na educação quanto nos

vários seguimentos da sociedade. Com isso, podemos assegurar, que as nossas organizações é um encontro fraterno entre surdos ouvintes que reconhecem a cultura e identidade surda.

1.8. Articulação com o Movimento Surdo Nacional

Para melhoria da nossa articulação no Estado tornou-se necessário melhorar o contato com o movimento nacional de outras associações. Logo percebemos que os sentimentos e anseios que vivíamos em Rondônia estava presente também outros estados. Com essa percepção a nossa luta foi motivada com os surdos de Porto Velho e passamos a lutar juntos em busca de melhoria de qualidade vida para o nosso povo surdo. Conheci surdos de todo Brasil com experiências iguais às nossas em Rondônia. A partir daí, percebemos que não importava o lugar, a identidade surda era visível em tudo que fazíamos. Com vamos aos poucos sensibilizando e compreendendo nós sentimos iguais: os medos, as alegrias e as inseguranças. Mas logo fomos reconhecendo que a nossa identidade surda era maior do que Porto Velho e do Estado de Rondônia, e que ela percorria todo o mundo com os escritos produzidos pelos intelectuais surdos como Padden, (1988), Perlin (1998, 2003), Strobel (2009) e tanto outros autores e artistas surdos que estão pesquisando e escrevendo sobre a cultural e identidade surda.



ASPVH e APPIS em manifestação em Brasília -DF - Foto: Diogo Madeira

Neste contexto histórico tornei-me uma das lideranças do Movimento Surdo em Rondônia e fui representar o Estado nos dias 19 e 20 de maio de 2011, quando a

Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), o Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), organizaram uma manifestação nacional em Brasília, contra as intenções do Ministério da Educação (MEC), em fechar o INES e, como consequência, as demais escolas especiais do país. Esse foi um dos momentos históricos e importante da nossa luta.

Em importante registramos que em parceria com a Presidenta da Associação dos Professores, Parentes, Amigos e Intérpretes dos Surdos de Rondônia (APPIS), na companhia da professora e intérprete Ariana Boaventura, participamos de várias mobilizações em Rondônia e na Capital Federal, Brasília-DF, quando tivemos a oportunidade de relatar aos representantes do Ministério da Educação (MEC), as condições da educação escolar para os surdos no Estado de Rondônia. Foi a oportunidade que tivemos de reivindicar uma educação de qualidade e a permanência do sistema de escolas especiais para surdos, educação bilíngue para surdos e do respeito à Cultura Surda e à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).



APPIS e ASPVH com Ariana e Indira apresentando o sinal das associações – Fonte: Ariana Boaventura

Depois realizamos essas lutas em nível nacional começamos a reivindicar junto ao Governo de Rondônia, ao prefeito de Porto Velho, Câmeras Legislativas Estadual

e Municipal, uma educação bilíngue e de qualidade para a comunidade surda, escolas públicas gratuitas e de qualidade, que utilizem a Libras como primeira língua (L1) e língua de instrução na educação escolar.



Manifestação em Porto Velho em defesa da educação de surdo – Foto: Joesér Alvarez, 2011

Neste contexto histórico das lutas em defesa da educação de surdos, em setembro de 2011, enquanto Associação, realizamos juntamente com a APPIS, o mês de lutas nacional também denominado "Setembro Azul", nome dado pelo movimento surdo nacional ao mês de lutas, reivindicações e comemorações dos surdos brasileiros, na busca de mobilizar as autoridades e a sociedade para garantia dos direitos humanos, linguísticos e culturais da Comunidade Surda, com manifestações previstas e articuladas tanto na Capital, Porto Velho, como no interior do Estado de Rondônia.

O setembro azul passou a ser marcado como dia de luta dos surdos de Rondônia, que guardam na lembrança diversas conquistas simbolizadas pela cor azul da comunidade surda em todo o mundo, presente no símbolo o laço que representa o conceito de Ser Surdo. O evento é realizado com seminários, palestras, apresentações teatrais, passeatas, audiências públicas, exposições, festas, entre outros eventos nos diversos estados brasileiros.

Na capital, Porto Velho, a concentração reuni surdos, mães, intérpretes, professores e amigos de Surdos, que inicialmente foram organizados em frente ao

Clube Ferroviário, na sede da Associação dos Surdos de Porto Velho (APSVH) no antigo prédio do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Rondônia (SATED). A passeatas pacíficas percorreram a avenida Sete de setembro deslocando-se até o prédio da Secretaria Estadual de Educação de Rondônia (SEDUC) para a entrega de documentos que reafirmavam a parceria entre as associações e o governo do Estado, bem como a reivindicação de atendimento nas escolas estaduais com a presença de interpretes nas mesmas de uma escola bilíngue para tender a comunidade surda.

Durante esse período também, foi realizado o primeiro Seminário Nacional em Defesa das Escolas Bilíngues para Surdos no Plano Nacional de Educação (PNE). Esse evento ocorreu no Auditório da Assembleia Legislativa de Rondônia, em Porto Velho, e depois, também realizamos no Município de Ariquemes, no intuito de promover atividades de valorização e respeito à Cultura Surda, posicionando-se na defesa da educação bilíngue para os surdos e repudiando a discriminação sofrida pelos delegados surdos e ouvintes que defenderam as propostas, na última Conferência Nacional de Educação.



Manifestação da comunidade surda em defesa das Escolas Bilíngues para Surdos – Foto: Joesér Alvarez, 2011

Neste contexto histórico reconhecemos que no campo de estudos culturais surdos, que a uma tendência em direção a uma maior interdependência mundial está

levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes e produzindo aquela fragmentação de códigos culturais. Sentimos que isso é visível quando percebemos que dentro ou fora dos movimentos surdos muitos ouvintes são simpatizantes, e, em contato com a LIBRAS e os surdos, até tornam-se ativistas da causa surda contribuindo a defesa da cultura e identidade surda.

1.9. As Conquistas do Movimento Surdo Local

As conquistas do movimento surdo sempre foram marcadas pela luta em defesa da educação de surdos. Desde dos primórdios realizamos Fóruns, Palestras e Seminários públicos para debater a questão da educação bilíngue para surdos, e a lutar junto a parlamentares pelo Projeto de Lei que instituía a Lei de LIBRAS Municipal, luta essa, que levou a prefeitura da cidade à criação da primeira Escola Bilíngue Porto Velho, inaugurada no dia 12 de abril de 2013, através da Lei Complementar nº 482/13, de 11 de abril de 2013. Essa foi uma das conquistas históricas mais significativas das lutas da comunidade de surda de Porto Velho. A escola bilíngue hoje é uma realidade na cidade e tornou-se um marco histórico da organização dos surdos em associação.



Manifestação em defesa da primeira Escola Bilíngue Porto Velho - Fonte Álbum ASPVH 2013

A escola bilíngue na atualidade atende crianças surdas do Pré-escolar ao 5º ano. A proposta pedagógica da escola é baseada na Língua brasileira de Sinais (LIBRAS) como primeira língua, e na Língua Portuguesa, como segunda língua. A instituição tem meta principal fortalecer a Cultura e identidade Surda, sendo que as

identidades surdas e o protagonismo surdo são os elementos pedagógicos das práticas educativas na escola. A escola simboliza uma das maiores conquistas do Movimento Surdo Nacional, sendo uma das primeiras criadas em 2011, depois das escolas de São Paulo, Imperatriz no Maranhão (MA) e Sumé na Paraíba (PB).

Outra vitória importante somou-se às conquistas desse movimento: a aprovação da Lei de LIBRAS, junto à Câmara Legislativa Municipal, que acabou por reconhecer a LIBRAS como língua oficial, determinando a presença de intérpretes nos setores públicos municipais, reconhecendo a importância do papel do intérprete e fortalecendo o direito adquirido pela comunidade surda.

Dentre tantas vitórias, é visível o amadurecimento a nível de cognição por parte dos surdos ao integrarem-se na luta, pois, quando os mesmos se apropriaram dos conceitos de comunidade da Carol Padden, (1988), ela apresenta que a comunidade surda no mundo é formada por pessoas surdas e ouvintes que se comunicam pelas línguas de sinais, e que lutam por objetivos comuns apesar das diferenças culturais e regionais. Essas comunidades têm por objetivo principal valorizar a comunicação gesto-visual nos espaços frequentados por surdos e principalmente a formação de profissionais aptos na língua de sinais.

Nestes pressupostos dos estudos surdos Paddy Ladd (2013) assegura que as comunidades surdas são agrupamentos que se fortaleceram através de narrativas em línguas de sinais e experiências repassadas entre as diferentes gerações de surdos e intérpretes, dando legitimidade para suas angústias, mobilizações e lutas. Portanto, participar ativamente de um movimento social na luta pelos direitos dos Surdos, a figurasse uma batalha que mal começou, e que deve durar uma vida inteira, por isso, a necessidade de formar novas lideranças e fomentar o ensino e a educação de qualidade para os alunos surdos.

Reconhecemos que as enormes dificuldades que têm sido durante anos quanto a aceitação dos governos às reivindicações dos surdos, é desgastante, mas não desanimadora. O Movimento Surdo nacional, articulado aos movimentos locais, tem demonstrado sua força através da união e defesa de ideais comuns. Mas ainda se torna necessário ampliar o debate entre todos os surdos, lembrando o da Identidade cultural, conforme nos assegura Hall (2014, p.89) ao comentar que as identidades culturais “não são e nunca serão unificadas porque são irrevogavelmente produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e ao mesmo tempo, a

várias casas” (e não a uma casa particular).

Por outro lado, Perlin (2015, p.54) contribui com a educação de surdos e com o reconhecimento da cultura e identidade surda, mencionando o uso das diversas formas de comunicação visual como expressão central do ser surdo, e que as especificidades das identidades dos sujeitos surdos se anunciam pelas suas experiências de vidas atravessadas nos mais vastos contextos sociais e familiares. Dessa forma, Perlin (2015) nos assegura que a maioria dos surdos são filhos de pais ouvintes e mesmo sofrendo grande influência do mundo ouvinte, identificam a LIBRAS e a comunidade surda como lugar de pertencimento para defesa da sua cultura e identidade.

1.10. A conquista do mestrado

Para conquistar uma vaga no mestrado acadêmico em letras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) estudei muito, li todos livros recomendados, e, na maioria das vezes não conseguia compreender certos conceitos, tais como: sociolinguística, modernidade e pós modernidade. Devido à falta de tradutores intérpretes educacionais habilitados na educação básica e até no ensino superior, nós surdos somos prejudicados com relação ao aproveitamento desses conteúdos. Recebemos muitos conhecimentos resumidos e descontextualizados e isso prejudica muito a compreensão e o aprendizado. Para a melhor compreensão dos conteúdos eu lia durante a semana, fazia anotações de todas as dúvidas, e, aos sábados e domingos, ia para casa da Ariana Boaventura ou da Ednéia Bento, elas me explicavam e assistíamos vídeos e começava a clarear na minha mente.

É muito importante o acompanhamento de tradutores intérpretes para compreensão de textos teóricos pelos surdos, porque existem muitas lacunas na formação educacional dos surdos. O problema que no ensino superior alguns culpam apenas os surdos pelo baixo desempenho na compreensão de textos acadêmicos. Na realidade nós somos vítimas de um sistema educacional projetado para uma sociedade ouvinte, que tenta fazer a inclusão dos surdos em um ambiente da cultura e língua ouvinte que, no Brasil, é a língua portuguesa. Essa é uma situação desumana e demonstra falta de sensibilidade dos gestores do sistema educacional para as diferenças culturais dos sujeitos surdos.

No mestrado em letras identifiquei-me muito com as disciplinas de pluralidade cultural e sociolinguística. Pluralidade cultural ministrada pela professora Nair Gurgel foi a única disciplina com métodos e materiais adequados para minha cultura e identidade. Em todas as aulas ela procurava conferir se tinha acessibilidade linguística para mim. Além disso, ela encaminhava todo o conteúdo com antecedência para o intérprete e só começava a aula quando ele chegava. Me senti muito valorizada e acolhida nessa disciplina, também porque todos os textos nos slides eram seguidos de imagens contextualizando o sentido literal. As palavras em língua portuguesa nem sempre são claras para os surdos. Nós precisamos entender o contexto histórico e linguístico para compreensão dos textos em língua portuguesa.

A outra disciplina que gostei foi a de sociolinguística, ministrada pela Professora Odete Burgeille, as aulas dela chamavam minha atenção porque trazia conteúdos que contextualizava sobre situações que o povo surdo vive cotidianamente como: preconceito linguístico, variações linguísticas e os conflitos existentes quando duas línguas diferentes se relacionam. Sobre isso tinha conhecimento partindo da minha própria história de vida, depois que compreendi as minhas diferenças de cultura e identidade com relação aos meus familiares, professores e amigos ouvintes. Hoje eu sei que isso é um conhecimento “empírico” então eu me reconheci nos textos discutidos. A palavra empírica eu já tinha visto antes, mas não entendia o significado. Os estudos acadêmicos levaram a compreender que o conhecimento empírico se dá através da observação e análise de situações e objetos. É um conhecimento adquirido no decorrer da vida, e o que mais aprendi com a vida, foram questões relacionadas à conflitos entre línguas diferentes em contato, e sobre a força de uma língua sobre outra num determinado espaço social.

O mestrado acadêmico em letras me ofereceu conhecimento de conceitos importantes que havia vivido na vida real, mas ainda não tinha pensado sobre isso numa perspectiva acadêmica. O conceito de hibridismo, por exemplo, despertou a minha compreensão sobre o sentimento que construí com minha família e amigos ouvintes, de gostar de adaptar artefatos do mundo ouvinte para pensar e viver na cultura e identidade surda. Conhecer esses conceitos foram importantes para o reconhecimento da cultural e diversidade da minha formação.

Às vezes, penso se, será que um dia nós surdos poderemos ir e vir, sem esse constrangimento por falta de intérpretes. Muitas vezes não conseguimos intérpretes

para ir ao médico, e o que é pior: nem conseguimos telefonar para o consultório e cancelar consultas por falta da acessibilidade linguística. Além disso, também perdemos conteúdos de aulas ou simplesmente não conseguimos entrar num auditório sentar e desfrutar das palestras, sem antes reivindicar que tenho direito a intérpretes e como todos tenho direito a informação, formação e de emitir opinião. Nós surdos que utilizamos da língua de sinais só conseguimos participar com mediação de intérpretes.

Às vezes sinto que o mundo ouvinte é hostil e insensível conosco. Penso que a vida deles, seria mais fácil sem surdos. Muitos ouvintes nos vêem como problema: “tem surdo inscrito”? Aí eles fazem uma cara de desgosto, ou, se estamos perto, sorriem para disfarçar. Nós somos visuais, os surdos conhecem as formas do riso, riso debochado, riso sombrio, riso de pena, descaso, riso de negação, de amor, amizade, compreensão. Conseguimos fazer uma leitura do mundo por meio de gestos e expressões. A nossa percepção visual nos permite fazer leituras do contexto sem a necessidade de som. No silêncio da vida gestos e expressões ganham sentidos em nossas interpretações. Nós passamos muito tempo de nossas vidas vendo e interpretando e armazenando formas de expressões das faces. Esses risos que sempre são acompanhados do olhar, da tensão ou descontração dos ombros, braços e mãos. Nós conhecemos os ouvintes na perspectiva das linguagens corporal. Às vezes as pessoas nos dizem coisas, então nós observamos o intérprete e fazemos essa leitura geral da expressão do corpo de quem fala: nós lemos as expressões corporais presentes no corpo. Esse um tipo de conhecimento empírico da minha cultura e identidade.

Um outro conteúdo que gostei de aprender no mestrado foi sobre a fonética de uma língua oral, mesmo sem ouvir os pressupostos teóricos dos estudos de fonética despertou em mim o desejo pelo conhecimento. Consegui fazer a maioria dos exercícios porque usava como estratégia didática pedagógica de aprendizagem a decoração que permitia eu criar as possibilidades dos sons de r, g, p, b, s, entre outras letras. Mesmo sem ouvir, decorava os símbolos sonoros e os não sonoros, vibrante não vibrante, era minha estratégia pedagógica de aprendizagem, e o professor também demonstrava interesse em compreender o meu esforço de aprendizagem entender as minhas diferenças culturais.

Não sei como esses conhecimentos acadêmicos podem melhorar minha vida,

mas às vezes, mas reconheço que aprendemos essas coisas para provar ao mundo nossa capacidade intelectual nas diferenças. Isso é massacrante, ter de provar sempre algo para que nos vejam como pessoas que possui apenas uma cultura e identidade diferente. Não somos deficientes, apenas compreendemos e interpretamos o mundo por outros ângulos. A nossa cultura é visual. Nunca senti necessidade de ouvir, talvez curiosidade de conhecer a voz dos pássaros e dos meus cachorros. Mesmo assim nos comunicamos por meio da visão e da sensibilidade da alma que nos uni.

As experiências acadêmicas me levam a reivindicar que é preciso que me vejam como sou, que não desviem os olhos do meu olhar, do meu sorriso e dos meus silêncios. Há diferenças sim entre surdos e ouvintes, mas somos iguais na dimensão humana e a língua brasileira de sinais que permite acessibilidade ao meu mundo. O nosso silêncio precisa ser vivido, é um espaço vazio, precisamos preenchê-lo com os paradigmas das diferenças culturais que nos faz iguais. Nós surdos, estamos sempre esperando pela oportunidade de reterritorializar o vazio junto com um ouvinte, mas parece que alguns fogem, pedem para chamar o intérprete, e não enfrentam esse silêncio como 'uma deficiência' que alguns tem de se comunicar com gestos e expressões da língua brasileira de sinais. É um silêncio que machuca e torna nosso mundo tão pequeno, movediço e oprimido por uma cultura dominante da língua portuguesa.

Confesso que na minha formação acadêmica, em alguns momentos, também sofri por falta de intérpretes e fiquei na dependência da ajuda solidária dos amigos e amigas. Sempre fazia trabalhos em grupo com Amauri Moret e Ednéia Bento, eles sempre me apoiavam quando não tinha intérprete. Havia em nossa turma, muitos alunos que sabiam LIBRAS, mas poucos tinham solidariedade na hora que eu precisava de apoio para compreender os textos acadêmicos. A minha turma era muito amigável, mas infelizmente eles não conheciam minha cultura e identidade, e quando faltava intérprete eles não se importavam comigo ou não se davam conta que eu precisava do apoio deles para compreender os textos indicados pelos professores. Acredito que eles poderiam alertar os professores sobre minhas necessidades, mas a maioria não sensibilizava com as minhas limitações de leitura e escrita de textos em língua portuguesa. Percebendo essa insensibilidade, eu me constrangia em atrapalhar a aula deles e saía da sala para viver busca de ajuda para as minhas diferenças

culturais. As vezes ia à coordenação do Mestrado e ao Núcleo de Ciências Humanas solicitar um intérprete para me ajudar.

Acessibilidade linguística foi um dos maiores desafios que enfrentei no mestrado. Era situação muito difícil para mim porque alguns professores começavam a aula mesmo sem intérprete, e eu acaba sendo prejudicado por falta de acessibilidade linguística. Os colegas que sabiam Libras deixavam sua condição de alunos para interpretar para mim, o que acabava prejudicando também aprendizagem deles. Às vezes tentava fazer leitura labial, mas não tinha um slide com palavras chave e imagens que ajudasse contextualizar a comunicação do professor. Com isso acabava ficando desmotivada e até pensava em desistir. Aos poucos fui compreendendo que estava diante de um grande desafio e que poderia contar com poucas pessoas que me compreendiam sem menosprezar minhas habilidades, e assim, fomos construindo uma história de amizade e trocas de saberes nas diferenças culturais.

Reconhece que o mestrado acadêmico em letras foi um grande desafio, mas foi uma das melhores fases da minha formação acadêmica. Sei que ainda tenho uma longa caminhada ainda para ajudar ao povo surdo ao acesso ao ensino superior. Mas a minha formação acadêmica servirá de exemplo para o povo surdo mostrar aos ouvintes que os surdos aprendem, que os surdos ensinam e podem caminhar com ouvintes que ensinam respeitando as diferenças culturais.

Na minha caminhada no mestrado acadêmico em letras reconheço também ajuda e solidariedade que sempre recebi de Ariana Boaventura. Ela sempre foi uma companheira que dedicou às lutas pelas causas dos surdos e por me apresentar minha amiga Ednéia Bento, que sempre acompanhou minhas leituras e dedicou tempo para discutir comigo os conteúdos das aulas que ajudaram no meu crescimento intelectual. Hoje posso me definir como uma surda que alimenta convicções híbridas sobre os conhecimentos dos estudos culturais que aprendi com os livros e os professores. Em geral, os surdos não gostam de ler, porque conhecem pouco as palavras da língua portuguesa. Os contextos, os sentidos literários apresentados pelos autores, nos deixa perdidos obrigando-nos a recorreremos aos dicionários que nem sempre contribuir para tradução de qualidade das palavras presentes nos textos.

Para compreender os textos escritos em língua portuguesa a minha colega de mestrado e tradutora e interprete da língua brasileira de sinais, Ednéia Bento, era que

me ajudava na tradução cultural dos textos e permitia uma melhor compreensão das leituras. Ela também sempre me incentivava a enfrentar os desafios dos estudos acadêmicos. Os desafios que enfrentava me levaram a pensar nas dificuldades que meu povo tem com a leitura e escrita em língua portuguesa. No segundo semestre de 2016, comecei aprofundar meus conhecimentos acadêmicos em escrita de sinais ministrando aulas no curso de Letras-Libras, mas sempre pensando no povo surdo na educação básica. Aos poucos fui compreendendo que a nossa língua também poder ser escrita com base nos pressupostos linguísticos da língua brasileira de sinais.



Minha turma de mestrado de 2015 – Fonte: Álbum Nair Gurgel

Com base nas minhas reflexões acadêmicas comecei a imaginar se tivesse aprendido primeiro a ler e escrever em minha própria língua teria sofrido menos com a leitura e a escrita em língua portuguesa. No último semestre do mestrado, tomei uma decisão radical de escrever do ponto de vista da cultura e identidade surda sobre a escrita de sinais, como a escrita da L1, uma escrita que corresponde à cultura e identidade surda. Dessa forma pretendo levantar futuras reflexões sobre o ensino do português como L2, respeitando a L1 da cultura e identidade surda. Diminuindo assim, o comportamento e o pensamento dos ouvintes sobre os surdos, que, segundo Perlin (2007), é moldado pelas representações dos ouvintes, que cultivam a ideia de que os surdos se olhem e narrem-se da perspectiva da cultura ouvinte, ou seja como

deficientes, incapazes, analfabetos, iletrados que necessitam se submeter a práticas terapêuticas para falar e forçar o uso de aparelhos e implantes para se tornar quase ouvinte.

Nesta perspectiva, reconheço que nós surdos, por séculos tivemos nossa língua e cultura cerceada pelos olhares ouvintes, nos disciplinando, treinando em nós uma fala que jamais tiveram a intenção de entender o sentido, mas nos impondo um mundo que nos tirava a essência de sentir que somos humanos. Esse tipo comportamento da cultura ouvinte no máximo nos permitindo sentir que somos literalmente quase humanos, quase perfeitos, mas acabava nos oprimindo com uma deficiência que é na verdade uma experiência dos ouvintes, porque nós surdos quando estamos imersos em nossa cultura entre o povo surdo nos sentimos plenos e realizados com a nossa cultura e identidade.

Posso assegurar sem medo de ser feliz que tudo é perfeito no mundo surdo, os docentes que respeitam a nossa cultura e identidade em suas aulas proporcionam aprendizagem significativas. Em nossos encontros das associações de surdos discutimos sobre cultura e identidade surda por horas a fio. Esses encontros permitem sonhamos com um mundo em que todos podem ser iguais mesmo com as diferenças culturais. Se os jornalistas da televisão, os políticos, professores, donos de editoras, médicos e atendentes de lojas fossem surdos, com certeza existiriam outros olhares e outras histórias registradas sobre os surdos.

Oliver Sacks (2013) conta que visitou a Ilha de Martha's Vineyards, nos Estados Unidos, trata-se de um lugar que por duzentos e cinquenta anos adotou como L1 a língua de sinais, devido ao grande número de surdos nascidos por causa de casamentos consanguíneos desde o período da sua colonização no século XVII. Segundo Sacks (2013), lá os surdos são lembrados não pela surdez, mas pelas aptidões decorrentes de sua personalidade, pelo seu caráter e elevada cultura, já que foram esses surdos que fortaleceram a maturação da língua de sinais americana (ASL) na escola de surdos (American School for the Deaf) fundada por Thomas Gallaudet e o professor surdo Laurent Clerc em 1830. Depois disso, muitas escolas foram fundadas em outros estados: como Nova York, Pensilvânia, Kentucky e Ohio. A língua de sinais francesa influenciou grandemente o princípio de tais escolas, mas, a língua de sinais americana logo marcou sua presença com a contratação dos professores surdos da ilha de Martha's, absorvendo os códigos linguísticos e culturais

alimentados pelas gerações de surdos americanos da ilha de Martha's.

Nos relatos de Sacks (2013), os surdos da ilha de Martha's, introduziram nessa escola, narrativas, contos, piadas e lendas próprias da tradição surda. Esses surdos alimentaram a alma das crianças surdas depois que o professor surdo Laurent Clerc voltou para França. Esses professores formaram uma geração de estudantes surdos com uma língua de sinais que, depois foi denominada American Sign Language (ASL), e foi constatado que após a introdução da língua de sinais na educação dos surdos, os alunos começaram a ler e escrever em inglês depois de poucos anos. Tais resultados fizeram com que se fortalecessem os investimentos na formação de professores surdos. Atualmente todos sabem que aquela escola, se tornou a única universidade no mundo voltada para educação de surdos, para pesquisas sobre língua e cultura surda sob a orientação de professores surdos e administrada por reitor surdo.

SEÇÃO II – DESTERRITORIALIZANDO AS ORIGENS

Nesta seção, pretendo abandonar as narrativas instituídas sobre os surdos. Tais narrativas geralmente se confundem com a história da educação de surdos nas igrejas ou em escolas especiais. São narrativas que priorizam a visão que a cultura ouvinte construiu sobre os surdos. Strobel (2009) nos alerta que pensar a história dos surdos requer a introdução de reflexões sobre quem escreve sobre os surdos. Na história oficial (perspectiva da cultura ouvinte) não há menção sobre a cultura e identidade dos surdos, assim, essa visão reduz o mundo dos surdos entre normal e anormal à princípio.

Existem estudos recentes que defendem a vertente de abordagem cultural para compreensão do mundo dos surdos. Esses estudos começaram nas décadas de 1989 e só nas últimas duas décadas estão sendo valorizados no Brasil por estarem alinhados com as premissas da identidade e cultura surda embasada nos Estudos Culturais (Strobel, 2008, 2009), (Perlin, 2007, 2008, 2009) e os Estudos Pós-Coloniais (Perlin, 2016) e (Ladd, 2013).

Dessa forma, essa seção busca romper com os registros da história oficial e apresentar ao mundo acadêmico a visão de pesquisadores surdos sobre uma herança cultural construída com base na cultura e identidade do povo surdo, cujo espaço de

afirmação cultural e identitária, desterritorializa as visões carregadas de estereótipos sobre os surdos. Nestes pressupostos Paraíso (2014, p. 25) contribui com as teorias da desterritorialização como uma possibilidade ressignificação sobre a construção das trajetórias de surdos nos despertar cultural da historicidade dos movimentos surdos.

Do ponto de vista da construção da metodologia da pesquisa e importante asseguramos que o presente estudo se encontra ancorado nos Estudos Culturais Surdos, que defendem como premissa teórica que existe pedagogia surda que revela modos de ensinar e possibilidades de aprender com diferentes artefatos culturais pedagógicos, que se multiplicam na sociedade ampliando os objetos de pesquisa dos estudos surdos para além das diversidades culturais.

Neste contexto, Paraíso (2014) comenta que as metodologias pós críticas buscam inspirações nas vastas manifestações humanas, dando possibilidade de inserir o território específico das significações que os surdos constroem no tempo e no espaço através do reconto de lendas, mitos e narrativas visuais. Portanto, inserir esse universo surdo como conhecimento possível para apreciação de ouvintes e comunidade acadêmica é um ato de desterritorializar o espaço das pesquisas sobre surdos. Também é a possibilidade de construção de outros espaços de diálogo entre culturas diferentes que busca rupturas do binarismo normal e anormal ou das visões sobre os surdos como doentes e deficientes. Desta forma, desterritorializar é permitir que a cultura surda seja apresentada como expressão dos planos, sonhos e visões de mundo de um povo que quer ser compreendido à luz daquilo mundo que compartilham entre si.

Dessa forma, é importante procurar utilizar tudo aquilo que nos serve e aos nossos estudos, no sentido de dar maiores informações sobre nosso objeto, para encontrarmos um caminho e as condições para que algo novo seja produzido, pois, segundo Paraíso (2014, p.35) esse “é um momento de total desterritorialização, que exige a invenção de outros e novos territórios. ” Esses novos territórios são construídos a partir dos artefatos culturais e políticos do povo surdo: registros históricos interpretados na perspectiva dos surdos, visões literárias sobre a história da escrita.

O presente estudo não pretende construir um conhecimento real e concreto para fins de convencimento científico. Pretende apenas apresentar um olhar surdo sobre os sentimentos e reflexões estabelecidos entre a cultura e identidade surda para

interpretação que fazemos sobre a escrita enquanto artefato cultural humano, e, a língua visual enquanto tradição cultural surda, no sentido de repassar às gerações futuras o conhecimento e as visões de mundo através de registros escritos. Neste prisma, reconhecemos que a escrita de sinais é muito mais do que registro, defendemos trata-se de uma trincheira de expressões culturais e identitárias que revelam as formas como o pensamento do povo surdo se materializam como documentos escritos.

Paddy Ladd (2013, p. 114-117) contribui com as nossas reflexões em defesa da escrita de sinais ao comentar em seu livro “Em Busca da Surdidade” que os resultados de anos de pesquisa em que coletou relatos de surdos moradores do nordeste da Escócia, São histórias construídas e preservadas com artefatos culturais do mundo surdo. Com isso ela reconhece que os surdos que nascem em famílias de pais surdos, ou crescem em contato com associações de surdos, são inseridos no seu próprio mito de origem, que valorizam a perspectiva do povo surdo sobre sua cultura e sua língua, dessa forma, quando lhes apresentam uma visão ouvintista sobre a origem dos humanos no mundo, sobre a origem dos surdos e ouvintes, esses surdos já têm argumentos culturais para validar positivamente a origem da sua cultura, reinterpretando na ótica do povo surdo esses mitos.

Como essa pesquisadora nasceu em família de ouvintes, e, durante muito tempo não percebia o mundo pela ótica do mundo dos surdos, reconhece que somente depois de adolescente, na cidade de Natal, ao inserir-se nas associações de surdos, que foi aprofundando os contatos com a cultura e identidade surda que permitiu uma outra leitura do mundo. Na ocasião, percebeu que a militância foi uma forma de garantir que outros surdos tivessem acesso às narrativas de surdos sobre seus mitos de origem, cultura surda, valores morais, dentre outros artefatos da cultura surda, que contribuíram para afirmar a importância do contato entre crianças surdas e surdos adultos devido à existência de um fosso entre surdos e cultura ouvinte.

Segundo Ladd (2013, p. 116) muitos casos, alguns surdos jamais tiveram nem isso, até abandonar a escola e juntar-se à associação, ou [...] buscar amigos que têm família Surda: eles têm uma proximidade, uma proximidade espiritual aquelas crianças são confiantes e gestuam com os seus pais, debatem com eles e tudo. [...] a confiança que vem de uma identidade focada no Surdo, a capacidade de debater e a informação sobre a vida diária do Surdo e a vida da maioria da sociedade são as pedras basilares

da influência trazida das famílias Surdas para a vida da escola dos Surdos.

A visão de uma identidade focada nos surdos nos remete às primeiras formas de educação de surdos construída por professores surdos, na formação desses, e principalmente na herança cultural que os alunos egressos puderam fornecer aos filhos surdos e outros surdos filhos de pais ouvintes. Uma dessas heranças é a interpretação sobre a Bíblia, um dos livros mais traduzidos e publicados no mundo. Há inclusive uma corrente da história surda que apresenta muitos conteúdos que eram ensinados nas escolas, como no depoimento que ilustra tais ensinamentos: “Ele gestuava a Bíblia lindamente, cativava-nos [...] as escolas de Surdos transmitiam quantidades consideráveis de informação sobre as suas comunidades e indivíduos no seu estilo próprio de reconto “oral” Ladd (2013, 114).

Assim, o reconto oral é a forma como os Surdos sinalizavam entre si os conteúdos aprendidos na escola. Esses recontos são narrativas que sobreviveram por gerações, apresentando conhecimentos apreendidos numa perspectiva cultural da identidade surda, dando a entender que, os conhecimentos dos surdos são repassados através de uma “tradição oral” termo que se apresenta melhor para os surdos enquanto “tradição visual”, posto seja passado de pais para filhos através da expressão do corpo, das línguas de sinais e recebidas de forma visual. Exemplo de um mito de origem da tradição visual que sobreviveu entre os surdos e, posteriormente colhido e transformado em texto, é o livro “Adão e Eva Surdos” de Lodenir Karnopp & Fabiano Rosa (2005). Esse livro é baseado na tradição visual de várias comunidades de surdos do mundo. É uma síntese sobre a origem da língua de sinais que os surdos passavam através da tradição visual de geração em geração.

Neste cenário, os povos ouvintes, os povos de culturas ágrafas, como os indígenas, em sua maioria, não têm escrita como forma de registro cultural, pois utilizam a tradição oral como forma de transmissão cultural. No entanto, os surdos, durante muitos séculos utilizam da tradição visual, que é a forma sinalizada de passar para gerações mais novas a herança cultural do povo surdo. Em “Adão e Eva” Karnopp & Rosa (2005), as autoras narram através do mito de origem criacionista, a utilização da língua de sinais por Adão e Eva. Essa narrativa é uma síntese de versões sobre a origem das línguas de sinais, cujas histórias são recorrentes nas comunidades de surdos do mundo. Na história narrada por surdos, os primeiros humanos conversavam sinalizando no paraíso. Após comer a maçã, o casal percebe o corpo

nu por causa do pecado, e para esconder a nudez se utilizam das duas mãos, sendo obrigados a começar o uso da fala oral para conversar com Deus.

Neste contexto do mito origem, nota-se que os surdos associam a origem das línguas orais com o pecado de Adão e Eva. O livro não relata se Adão e Eva eram surdos ou ouvintes, mas propõe uma reflexão sobre a possibilidade da utilização das línguas de sinais por diferentes comunidades, sejam elas ouvintes ou surdas. Outra interpretação que muitos surdos fazem é sobre a identidade de Deus. Em vários trechos na Bíblia os surdos percebem que Deus é culturalmente visual, como por exemplo no livro de Genesis; “e viu Deus que era boa a luz [...]. Dessa forma os surdos sabem que Deus não é cego, porque ele é perfeito e por isso não permitiu que os surdos sofressem com essa falta e nos deu uma cultura visual que traz o sentimento de ser perfeitos como Deus. Nós vemos vozes, como Deus viu que tudo que ele fez era bom (Bíblia, A. T. 2017, p. 202-203).

Na perspectiva histórica do despertar cultural das identidades surdas Strobel (2003), nos alerta que, reconhecer os surdos como um povo é uma forma de respeitarmos os sujeitos cujas vidas são atravessadas por costumes, histórias e tradições de pessoas que se apropriaram do mundo com outra visão étnica. Segundo Strobel (2003), durante uma palestra, o professor surdo norte-americano Ben Bahan sugeriu que os surdos fossem chamados de “pessoas visuais”, designação interligada àquilo que podem fazer e fazem. Nesse sentido, há o reconhecimento de que, em suas atitudes visuais, os surdos se utilizam de expressões faciais e corporais para expressar pensamentos, sentimentos e representar objetos e seres vivos. Portanto, são reconhecidos como um povo que possui cultura e identidade totalmente diferenciadas dos ouvintes.

Como pesquisadora deste estudo reconheço não sinto vontade de ouvir, e isso não me faz falta, porque cresci e desenvolvi numa cultura que apreende com muita riqueza de detalhes, movimentos e cores, não sei como ouvir, poderia ser melhor do que a compreensão que construí de forma visual, mas estou feliz com as minhas diferenças. Acredito que os ouvintes têm dificuldade de interpretar olhares e intensões no olhar, no franzir da testa, nos cantos de boca. Entretanto, sabemos por esses detalhes muito do que eles não dizem uns aos outros, que pode haver algo errado ou mal resolvido.

Certa vez, eu estava sentada de costas para porta, conversando com uma

ouvinte, então, entrou uma pessoa e eu olhei imediatamente para trás. Ela me perguntou se eu ouvi a porta abrir, porque olhei imediatamente para trás. Eu respondi ter percebido que ela desviou os olhos para porta, e só fui motivada pelo movimento do olhar do ouvinte. Dessa forma, a direção dos olhos do outro comunica muito sobre tudo que acontece, e, como somos pessoas visuais, apreendemos essa comunicação involuntária que os ouvintes manifestam cotidianamente, mas eles nem percebem esses detalhes das linguagens do corpo.

Nestes pressupostos e reflexões apresentadas, é possível reconhecermos que os povos indígenas, os povos ribeirinhos e os povos surdos formam um grupo cultural que contam histórias e as recontam constantemente, especialmente sobre as experiências dos significados que construíram enquanto seguimento cultural diferenciado. Amaral (2014) contribui neste rumo ao comenta que os ribeirinhos narram sobre botos, a cobra grande, lendas indígenas porque são histórias que estão dentro de suas experiências de vida e se misturam com suas histórias de vida.

No livro sobre essas histórias de Amaral (2004), percebi fortemente que a relação dos surdos com suas histórias e sua literatura é uma forma de narrar sobre aquilo que nos forma como sujeitos que têm uma história também. Lendo esses livros fico a imaginar as crianças surdas ribeirinhas e indígenas vivendo outra forma de hibridismo cultural, porque mantêm sua forma de ser visual em meio às experiências de ser ribeirinho e indígena com outros mitos sobre suas origens.

2.1. A Pré-História do registro visual

A respeito da história da escrita, Fischer (2009), apresenta os pictogramas e os ideogramas como as primeiras formas de registros escritos, dessa forma, entendo que esses tipos de registros escritos corresponderiam à pré-história não apenas da escrita visual, mas, principalmente dos registros visuais.

Os desenhos mágicos das grutas da época aurignaciana e madaleniana que representa animais atingidos por flechas ou marcados por manchas de sangue contêm um germe “algo que se assemelha a rudimentos de escrita; eles exprimem, se não uma ideia, pelo menos um desejo”. As pinturas rupestres de sítios pré-históricos [...] mostram de era em era uma estilização que também faz pensar em uma evolução rumo à escrita. Higounet (2003, 12).

As pinturas rupestres para os surdos não precisam de tanta explicação, são mais do que desenhos, neles percebo um mundo culturalmente legível para nós surdos. É a história de uma cultura visual de milhões de anos passados registrando seu mundo e sua relação com esse mundo.

É legível para nós que somos surdos porque encontro a história de todas as crianças e adultos surdos tentando se comunicar com o mundo através de imagens, mesmo sabendo escrever, muitas vezes utilizamos imagens para ter maior precisão ao registrar receitas das comidas que gostamos, ou objetos que pretendemos sugerir que alguém nos compre ou produza.



Fonte: Marcas da diversidade dos surdos.
<http://cultura.culturamix.com/curiosidades/fotos-da-pre-historia>

Há que discordar da posição que julga serem a dificuldade de aprendizagem as questões relacionadas à educação de surdos e à cultura surda. Acredito que uma problemática que vem atravessando séculos parte de métodos de ensino culturalmente incompatível com pessoas que fazem parte de uma cultura visual. Pelos inúmeros vestígios arqueológicos e registros históricos podemos situar tal problemática já na pré-história, que, ao longo do tempo foi sendo diluída pela pressão hegemônica dos povos ouvintes que transformaram a escrita em uma representação da língua oral auditiva.

As Pinturas rupestres, portanto, têm um claro sentido para as comunidades surdas, porque são comunicações visuais capazes de despertar nos demais surdos, potencialidades narrativas sobre o passado e presente de suas próprias vidas. O registro das mãos nas paredes das cavernas, portanto, parece representar uma certa comunicação gestual, cuja importância para os surdos torna-se talvez, maior que para os próprios ouvintes.

Nessa perspectiva, pode-se supor que os surdos lutaram desde a pré-história pela afirmação de sua língua e cultura espaço-gesto-visual. No caso, as pinturas de mãos nas paredes das cavernas, seriam vestígios da presença surda no mundo, assim como a voz divina do Gênesis, o é, miticamente para os ouvintes.

2.2. Uma Narrativa sobre os gestos

Os gestos estão presentes em todas as formas de comunicações linguísticas, pois, mesmo nas línguas orais as pessoas também gesticulam. Cascudo (1987) comenta que muitos estudos têm confirmado serem os gestos convencionados para representar símbolos linguísticos capazes de expressar formas de pensamentos concretos e abstratos:

Além do ato instintivo, inconsciente, automático, puramente reflexo, de evitar sentimentos dolorosos, existe a infindável série dos gestos intencionais, expressando o pensamento pela mímica, convencionados através do tempo. Essa linguagem dos signos tem merecido ensaios de penetração psicológica, indicando a importância capital como índice do desenvolvimento mental humano, libertando e exteriorizando o pensamento, pela imagem gesticulada, com áreas mais vastas no plano da compreensão e expansão do idioma (Cascudo, 1987, p. 19).

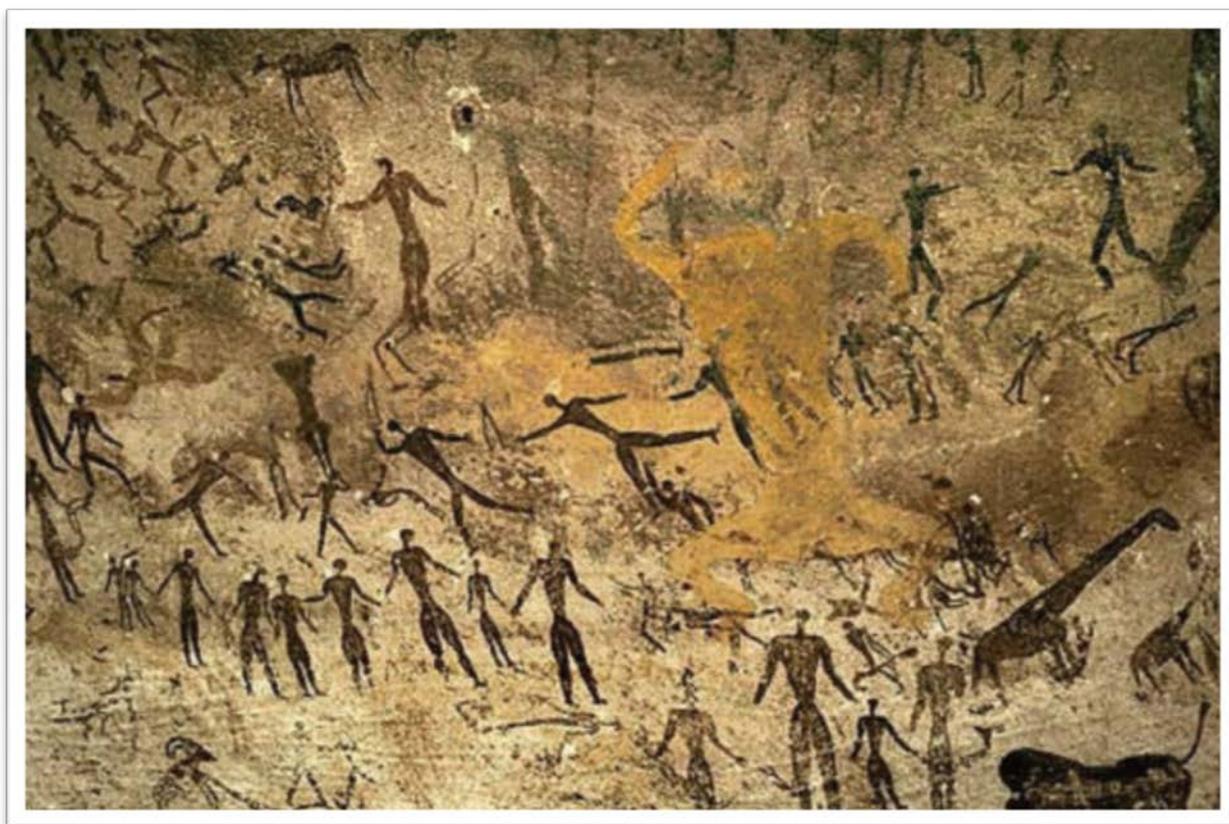
Nestes pressupostos, os gestos, ao exteriorizarem o pensamento, podem sugerir que a língua dominante na pré-história seria provavelmente de modalidade gesto-visual. Na imagem abaixo, pode-se notar a sugestão simbólica de momentos intensos de interação entre os elementos da pintura apontando e olhando para determinado ângulo.

Segundo Rocha & Rotth (1992, p. 16), no ato da comunicação de pensamentos sem o uso de palavras os seres humanos usam além dos gestos, outras formas de convenções como a forma de vestir ou se enfeitar. Os indígenas de várias tribos

costumam pintar e enfeitar partes do corpo com cores que especificam festas ou guerras. Isso também é uma forma de exteriorizar os pensamentos e sentimentos de determinado grupo cultural apontando seu contexto cultural.

Podemos perceber que as percepções culturais internas do grupo cultural estão muito além das interpretações dos grupos exteriores ou alheios ao mesmo espaço de representação visual. Muitos não indígenas podem nem perceber os detalhes das pinturas entre homens e mulheres ou entre guerreiros e pajés. Da mesma forma acontece com grupos culturais que se utilizam de uma comunicação visual produzida pelo próprio corpo como os surdos tentam se comunicar com ouvintes e não são compreendidos. Abaixo vejamos nessa imagem uma história visual apresentando elementos humanos de tamanhos e posições variadas.

Os menores estão sempre alinhados ou perto uns dos outros em posição de dominados. Os maiores estão sempre gesticulando em posição de liderança e força. O espaço físico, as cores, os animais e a posição de alguns desenhos dando a ideia de movimentos como ataque, fuga e queda. É possível imaginar sentimentos como medo, morte e dor. Não existe alegria nessa história. Essa é uma pintura que apresenta registros de gestos também. Cabeça baixa, açoites, lutas e pessoas presas.



Neste cenário, fica a nossa pergunta: como não suspeitar que os surdos não tiveram grande participação cultural na pré-história? Os registros das pinturas rupestres apresentam a mesma compreensão espaço visual que os surdos representam com a língua de sinais. Com isso, podemos reconhecer que as línguas de sinais se desenvolveram a partir das comunicações por gestos. Isto porque os gestos são a expressão dos pensamentos e sentimentos dos surdos tornando-se formas de comunicação cada vez mais complexas através da expressão do corpo e do rosto dos comunicadores.

Por fim, podemos assegurar que tanto os gestos como a expressão corporal agregaram parâmetros equivalentes aos existentes nas línguas orais como movimentos físicos e articulatórios no desenvolvimento de estruturas sintáticas, semânticas, pragmáticas, fonéticas e morfológicas. Esses movimentos representados no espaço neutro (a frente do sinalizador) pode representar uma narrativa visual, com os mesmos personagens da pintura aqui apresentadas. Portanto, podemos afirmar que nós surdos, antes de narrar uma história, projetamos essas imagens no espaço neutro e para cada personagem ou acontecimento nós estabelecemos um ponto de localização. É nesse sentido que vemos vozes, corpos e tempos.

2.3 – O desenho que virou letra

Na perspectiva dos primeiros registros escritos, identificamos à princípio, que esses podem ter sido inventados sem relação com a língua, assim, num primeiro momento, essas primeiras inscrições parecem ter sido feitas através de certos esboços visando de modo simplificado, à reprodução de conceitos ou coisas a serem representadas. As primeiras formas de escritas eram um registro visual do mundo, dos animais, das pessoas e das emoções.

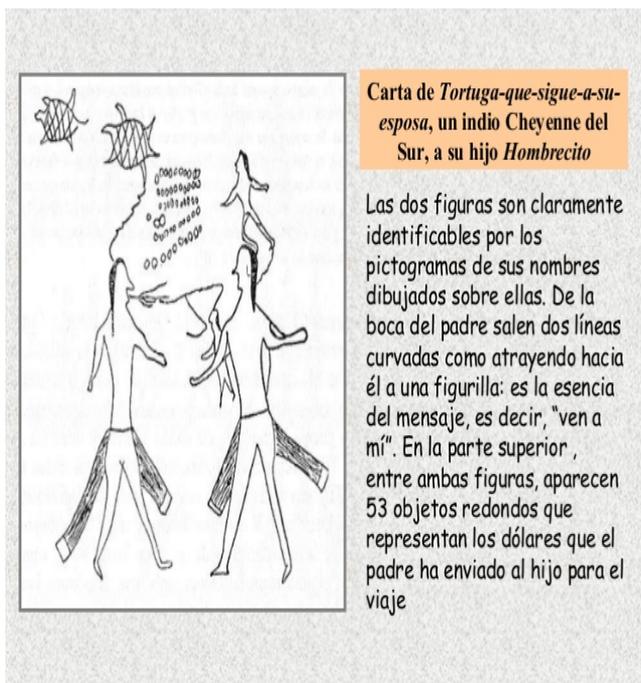
Sumérios, egípcios, chineses e outros povos, que começavam a sentir a necessidade de registrar informações e contar fatos, no começo inventaram sinais para poucas palavras. No geral, eram desenhos representando seres e objetos do mundo em torno deles. Como esses existiam muitos outros sinais. [...] descobriu-se, então que o mesmo sinal podia ser usado para palavras que tinham significado parecidos. Assim por exemplo, o sinal para SOL, que em sumério, quer em egípcio ou chinês, tanto poderia expressar a palavra SOL como a palavra DIA (Zatz, 1991, p.25).

No contexto citado observa-se que os povos da antiguidade oriental partilharam dos mesmos sistemas de escrita, que representavam palavras e ideias. Segundo Higounet, (2003) tal escrita parece ter sido disseminada por toda a Ásia, onde teria sido utilizada como o meio de expressão de línguas diversas, ao passo em que, outros cientistas suspeitam haver uma origem comum das escritas do mundo antigo: sumério, protoelamita, egípcio, protoindiano e chinês.



Fonte: <https://biblioam.wordpress.com/2014/08/22/a-historia-da-escrita/>

A partir dos registros da antiguidade podemos assegurar que as imagens foram as primeiras formas de apreender a realidade das coisas. O signo escrito, teve origem nos signos visuais. E hoje no processo de alfabetização de surdos deveriam se lembrar disso. Isto porque a maioria dos surdos são obrigados a aprenderem a ler respeitando a escrita baseada na fonética da língua portuguesa que é uma língua oral auditiva. Isso é uma forma artificial do surdo aprender a ler na língua portuguesa, porque ele decora letras e palavras, mas não consegue fazer associações fonéticas como as crianças ouvintes fazem. Por esse motivo é tão importante refletir sobre a origem da escrita para trazer alguma luz no desenvolvimento de métodos de alfabetização para crianças e adultos surdos e para possibilitar que a escrita de sinais assuma o vazio que existe na alfabetização e letramento de surdos.



Hablar con verdad
Lengua recta

Fonte: <https://goo.gl/L8Ztn>

Na literatura pesquisada, postula-se que a escrita cuneiforme criada pelos sumérios, por volta de 3.500 A.C. seja a mais antiga. Tal escrita, estima-se, procurava representar através de pictogramas as formas do mundo, no entanto, por praticidade essas formas foram se tornando mais simples e abstratas, surgindo posteriormente os ideogramas e depois, a escrita alfabética. Ribeiro (2016, p.15) revela que essas escritas se desenvolveram representam umas das tecnologias mais importantes no desenvolvimento das civilizações humanas. Assim, considera-se que a invenção da escrita teria possibilitado que os artefatos culturais das civilizações antigas fossem registrados. Dessa forma, a escrita torna-se um meio de uma cultura transmitir para futuras gerações os seus valores, memórias e conhecimentos.

Esse tipo de comunicação pictografada foi praticado há dezenas de milhares de anos em muitos lugares espalhados pelo planeta, segundo Fischer (2009, p.20). A comunicação por meio de imagens também foi utilizada nos Estados Unidos, no século XIX, por membros de algumas tribos Cheyenne num contexto de troca de cartas.

Dessa forma percebemos que tanto os produtores da arte rupestre como aqueles que se comunicavam por pictografias possuíam uma cultura visual bem definida nas manifestações de pensamento e de linguagem. Fischer (2009, p. 21) afirma que existiram outras formas de comunicações que representam genealogias

codificadas, tais como: histórias, canções e recitações, a “escrita no ar”, objetivando uma comunicação cujas imagens convencionais podem remeter imediatamente à fala, que, no entanto, necessitavam de marcar graficamente um suporte durável, no caso, a pedra. Segundo ele, a escrita completa sem dúvida, nasceu da necessidade de registrar itens do dia-a-dia como alimentos, lugares e saberes e religiões de povos.

SEÇÃO III – A ESCRITA DE SINAIS

Nesta seção vamos demonstrar porque é relevante o registro da escrita dos sinais no Estado de Rondônia. Pires (2014) nos alerta que educação de surdos no Brasil segue as tendências mundiais das teorias e metodologias de ensino que trabalham com os pressupostos pedagógico relacionado a alfabetização por meio da ideia da decifração de código escrito.

A educação dos surdos na atualidade, é marcada por dificuldades das construções linguísticas em relação à modalidade escrita da linguagem, e, em função disso, um número significativo de surdos vem sofrendo preconceitos linguísticos como se fossem iletrados, pelo fato de fazer uso da escrita sem ter conhecimento da realidade oral da língua portuguesa.

Assim, um dos objetivos dessa pesquisa consiste em demonstrar a importância do registro em uma escrita que corresponda aos aspectos fonéticos e fonológicos da língua de sinais. No sentido de demonstrar a importância da escrita de sinais para educação de surdos, mapeamos os sinais utilizados para identificar os municípios que compõe o Estado de Rondônia, enfatizando que a escrita de sinais (SignWriting), possui gestos com as mãos (posição das mãos, rotações, posição dos dedos e movimentos), faciais (olhos e boca) e a rotação da cabeça, ombros e demais partes do corpo utilizadas na comunicação, possuem símbolos próprios que, combinados, podem promover a formação da linguagem escrita da língua de sinais.

3.1. O registro escrito das Línguas de Sinais

As línguas de sinais utilizadas pelos surdos espalhado pelo mundo, não têm uma forma única de escrita universal, sendo que, até recentemente, não havia sequer tal preocupação com a questão da escrita das línguas de sinais. A pesquisa extensiva

sobre a American Sign Language - Língua de Sinais Americana (ASL), realizada por William Stokoe, coloca-o como um dos linguistas pioneiros, que contribuiu efetivamente para o reconhecimento do estatuto linguístico das línguas de sinais dos surdos, em que pese essas apenas descreverem sinais e sua organização em frases e discursos.

Já a pesquisadora Mariana Stumpf (2005) desenvolveu um software específico para essa mesma finalidade (SW-Edit) em sua tese de doutorado pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), no sentido de contribuir com a descritividade da escrita de sinais. Atualmente Stumpf (2009) assegura que escrever em Escrita de Sinais é escrever em uma língua que privilegia o uso que o surdo faz dos sinais, e, como esse surdo articula e produz sentido. Esse sentido produzido pelo surdo, não se perde quando sua escrita é produzida na escrita de sinais. Os sinais são escritos em colunas verticais de cima para baixo, representando a estrutura do corpo humano, combinando com o que o surdo visualiza na língua de sinais. Portanto, quando o aluno surdo percebe que a Escrita de Sinais, é a forma escrita de sua língua natural, ele consegue aprender mais rápido o português, porque ele começa a fazer relações Interlinguísticas e se entusiasma com o mundo de descobertas.

Nesta perspectiva teórica, Capovilla (2009) afirma que a escrita alfabética das Línguas Orais permite apenas aos ouvintes representar de modo intuitivo as propriedades fonológicas destas línguas. Para esse autor, a alfabetização aumentaria a consciência dos sons da fala, assim, podemos considerar que o modelo de alfabetização em português para os surdos, promoveria uma aprendizagem da segunda língua de forma artificial, posto que os surdos sejam visuais e necessitem de artefatos de dentro de sua própria cultura para aprender o português como segunda língua (Strobel, 2008).

Nos pressupostos teóricos apresentados, a escrita de sinais em SignWriting constituiria uma espécie de alfabeto quirêmico internacional o qual permitiria escrever todo e qualquer sinal de toda e qualquer língua de sinais. Com isso podemos assegurar que depois de ter aprendido a ler sinais em SignWriting, a criança surda passa a experimentar o texto como se estivesse assistindo a própria sinalização ao vivo, fato esse que, segundo Capovilla, Raphael e Maurício (2009, p.54), pode ocorrer com a criança ouvinte que, depois de ter sido alfabetizada e aprendido a fazer a decodificação grafêmica e fonêmica fluente, passa a experimentar o texto como se

estivesse a declamá-lo.

Dessa forma, Capovilla e Maurício (2009) comentam que a alfabetização e o letramento através de Sign Writing também contribuem para promoção da percepção visual na representação dos sinais dando aos surdos também intuição e consciência fonética e fonológicas das línguas de sinais. Nesse sentido, podemos utilizar da escrita de sinais como grande aliada dos processos de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa como L2. Com isso a modalidade da educação bilíngue para surdos respeita o uso das línguas de sinais para o ensino da língua portuguesa na modalidade escrita, e para o ensino das diversas disciplinas que utilizar práticas interlínguas nas relações pedagógica da educação de surdos.

Por outro lado, é necessário reconhecer que os processos de ensino e aprendizagem da escrita de sinais seja simultâneo durante a alfabetização e o letramento em português, para que o aluno desde cedo perceba que a língua portuguesa é a segunda língua do surdo. Dessa forma, há um processo de empoderamento do sujeito enquanto aluno surdo, focando nos princípios de sua cultura e identidade. Isto porque, segundo Strobel (2008), um dos poderosos artefatos da cultura surda, correspondem tanto às línguas de sinais quanto à escrita de sinais, aliada às tecnologias midiáticas, as quais já fazem parte da vida de boa parte dos surdos para aquisição de novos conhecimentos.

Para Stumpf (2009), os formalismos e notações que atualmente são utilizados na alfabetização de surdos, infelizmente não são expressões de nenhuma língua de sinais. Para ela são expressões que retratam aspectos das línguas orais que se impõem sobre indivíduos que tem sua língua natural de modalidade totalmente diferente que fica sufocada. Nesta perspectiva Stumpf (2009) nos alerta que os surdos precisam escrever nas suas línguas de sinais. Precisam estabelecer negociações através de grafismos de suas expressões linguísticas, como os ouvintes o fazem, utilizando os diferentes alfabetos inventados para as diversas línguas orais.

Neste contexto, não é novidade o valor e a importância da invenção da escrita para o desenvolvimento cultural da humanidade. Isto porque nós surdos e todas as comunidades surdas também precisam ter acesso a esse patrimônio cultural. Para manter o registro inclusive de membros da comunidade já falecidos que dentro de uma tradição visual tem a tendência de ficar perdido ou sofrer algumas mudanças fonéticas na visualização que os sinalizantes jovens fazem das articulações dos surdos mais

velhos. Reconhecemos que a escrita de sinais assume um papel pedagógico significativo para o povo Surdo, não como substituto da língua portuguesa escrita, mas como expressão da nossa cultura e identidade nos processos de alfabetização de surdos.

3.2. A produção em Escrita de Sinais no Brasil

Nobre (2011) comenta que o principal problema para os surdos quando leem e escrevem em uma língua oral está na sintaxe. O autor afirma que o problema que a estrutura gramatical da língua oral é diferente da língua sinalizada. Desta forma ele alerta que esse é um dos motivos pelos quais a maioria dos Surdos escreve em Librês ou em Português errado como costumam dizer. Para o autor isso acontece porque os surdos escrevem de acordo com a estrutura da língua sinalizada utilizando as palavras da língua portuguesa na estrutura da Libras.

Nestes pressupostos Nobre nos alerta que (2011) que as línguas orais e de sinais possuem representações simbólicas diferentes que devem ser levando em consideração nos processos de alfabetização de Surdos em Língua Portuguesa. Nesta perspectiva Stumpf (2005, p.45) corrobora afirmando que a criança em processo de alfabetização transfere para sua nova língua o sistema de significados que possui sua própria língua. Segundo Stumpf ao reconhecer sua língua como um sistema linguístico, a criança passa a ter também uma consciência das operações linguísticas efetuadas.

Como especialista em sistemas de escrita de movimentos, Valerie Sutton (2018) do Center for Sutton Movement Writing, tornou-se a primeira pesquisadora a identificar dois dos principais sistemas de representação de movimentos desenvolvidos com base na DanceWriting, um sistema de representação de coreografias, aplicado ao balé e à dança em geral e o SignWriting, um sistema de representação gestual, aplicado às línguas de sinais.

Em princípio, enquanto sistema para representação de gestos, o SignWriting é mais uma notação inventada para se escrever “sobre” línguas de sinais, como outras mais tradicionais há tempos utilizadas pelas linguísticas, e há diversos linguistas que começaram a publicar seus estudos utilizando esse sistema para descrever as construções que encontram nas línguas de sinais que estão estudando. No entanto,

o SignWriting por possuir características gráficas e esquemáticas analógicas, esses o configuram como um sistema transparente de fácil aprendizagem, fato que não ocorre com as notações formalísticas inventadas pelos linguistas, comumente. Dessa forma, tal sistema apresenta-se enquanto forte candidato para cumprir o papel que os outros sistemas de representação não conseguem fazer, servindo de base para o sistema de escrita das línguas de sinais, ou seja, um sistema no qual as pessoas podem utilizar para escrever em línguas de sinais, ao invés de apenas descrevê-las.

Sabe-se que, a distância da definição de um sistema representativo de modo formal e arbitrário a ser utilizado por um corpo restrito de especialistas interessados numa temática particular, e ter-se uma forma escrita para uma determinada língua a ser assimilada plenamente pela comunidade que utiliza essa língua, estabelece entre esses dois, uma distância separadora da convenção arbitrária comumente aceita em função da conveniência prática em vista de uma finalidade específica ou de um costume social aceito e mantido como uma tradição. Na imagem apresentamos abaixo busca exemplifica porque a escrita de sinais é uma escrita que combina com a cultura e identidade dos surdos e pode contribuir no processo de alfabetização, letramento e na produção de vastas formas de literaturas para o povo surdo.

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| A | B | C | D | E | F | G |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| H | I | J | K | L | M | N |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| H | I | J | K | L | M | N |
| | | | | | | |
| | | | | | | |

Fonte: http://www.escritadesinais.com/aula_2_15.html

A tabela do alfabeto manual apresentado é utilizada pelos surdos do Brasil com representações gráficas de algumas letras. Em alguns quadros podemos perceber como combinam a fonética da Libras, com a sua representação gráfica pois além de

remeter facilmente à configuração da mão também ilustra a direção do movimento. Uma letra corresponde a um fonema, e uma configuração de mão também corresponde a um fonema na Libras.

Neste sentido, não pretendemos somente reconhecer que o sistema SignWriting como sendo representação escrita da forma visual das línguas de sinais. Pretendemos também pensar que outros pesquisadores e professores intervenham junto aos governantes para que esse conhecimento seja disseminado. Sabemos que é o início de outra etapa fundamental para a construção da alfabetização e letramento de crianças surdas. O que importa não é apenas reconhecer a existência dessa escrita, é que tantos professores quanto alunos surdos tenham contato com essa tecnologia e que eles decidam se é uma ferramenta que podem lançar mão na construção de uma alfabetização e letramento visual ou não.

Para Ribeiro (2016) a escrita de Sinais no Brasil teve seu início em 1996 orientado pelo professor Antônio Carlos da Rocha Costa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, através de um programa de computador para registrar os sinais da língua Brasileira de Sinais. Nesse projeto, estava incluída entre a equipe de pesquisadores a pesquisadora e professora surda Mariane Stumpf da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que representa no Brasil, a maior autoridade nas pesquisas em SignWriting. Ela é grande motivadora desta modalidade de escrita como suporte cognitivo na educação de surdos.

Outra iniciativa é o SigNet Project, um projeto financiado pelo CNPq/ProTeM, que está sendo utilizado em cooperação por quatro instituições: Escola de Informática da Universidade Católica de Pelotas, Museu de Ciência e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Informática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Unidade Especial Concórdia da Universidade Luterana do Brasil. É um projeto de pesquisa em desenvolvimento que visa um objetivo específico: interagir com as tecnologias da informática e adaptá-las para o processo do avanço do desenvolvimento das línguas de sinais, na modalidade escrita.

3.3. A Escrita de Sinais e a Cultura e Identidade de Rondônia

Assim como as formas dos falares de Rondônia sofrem influência devido ao processo de hibridização de outras culturas, precisamos registrar os sinais em libras para que não fiquem perdidos os sinais que sofrem algum tipo de alteração ou mesmo deixam de ser utilizados pelos surdos do estado de Rondônia.

Desse modo, a escrita é não apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo. É o fato social que está na própria base de nossa civilização. Por isso a história da escrita se identifica com os avanços do espírito humano (Higounet 2003, p.15)

Nesta perspectiva a escrita é uma forma de atravessar o tempo e se manter entre a cultura e o futuro, em que o povo surdo consiga se beneficiar dessa tecnologia para compreensão da própria história cultural dos surdos de Rondônia ou mesmo das variações linguísticas entre as cidades de Rondônia. Os estudos sobre os surdos e a Libras em Rondônia necessita desses avanços para estimular o espírito de pesquisadores surdos. A língua de sinais em Rondônia precisa ter seu registro escrito também para fortalecer a identidade dos surdos como pesquisadores da própria língua e cultura. Nesse sentido percebo que fazer o registro escrito da língua de sinais contribui para que possamos ter um acervo visual dos registros dos sinais do Estado de Rondônia.

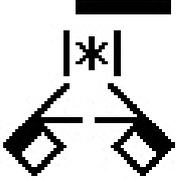
Para assegurarmos esses registros passamos apresentar os sinais registrados que foram validados em diálogos com os surdos da minha cultura e identidade do Estado de Rondônia. Para os registros dos sinais foi possível reconhecer que assumir a papel de antropóloga da minha própria cultura e identidade. Com isso os sinais registrados tornam-se um estudo de etnográfico de um imenso tecido de imagens culturais e interculturais que reconstroem a nossa herança cultural. Os registros destas palavras em escritas de sinais também se tornam fundamental para que as futuras gerações de surdos rondonienses reconhecerem a escrita dos sinais que representam a nossa cultura identidade.

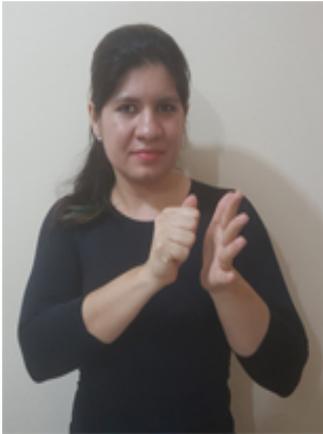
Para o mapeamento organizamos sinais que denominam os nomes das cidades do interior do Estado de Rondônia, em seguida os lugares que são tidos como ponto de encontro de surdos como escolas e praças da cidade de Porto Velho, como

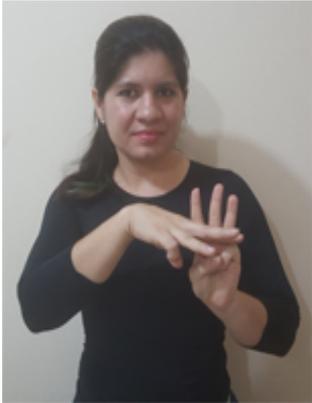
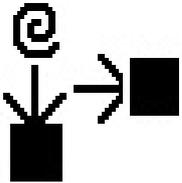
os lugares que tiveram uma existência cultural concreta no mundo surdo a partir do momento que os surdos começaram a fazer parte e interferir no contexto, como por exemplo a Universidade Federal de Rondônia.

Vale apenas ressaltar que o mapeamento seguirá a sequência do registro da imagem da sinalizante, na sequência a palavra em português correspondente ao sinal apresentado na imagem, e posteriormente a descrição fonética do sinal e o registro do sinal em escrita de sinais. Por ser meu estado e minha referência enquanto comunidade surda de formação, escolhi registrar os sinais criado e usado pelos surdos de Rondônia, que passarei a demonstrar organizados em duas categorias, a primeira categoria será os sinais de instituições educacionais onde já existe sinal e das associações que envolvem a comunidade surda. A segunda categoria é dos municípios de Rondônia onde existem comunidades e os mesmos utilizam esses sinais.

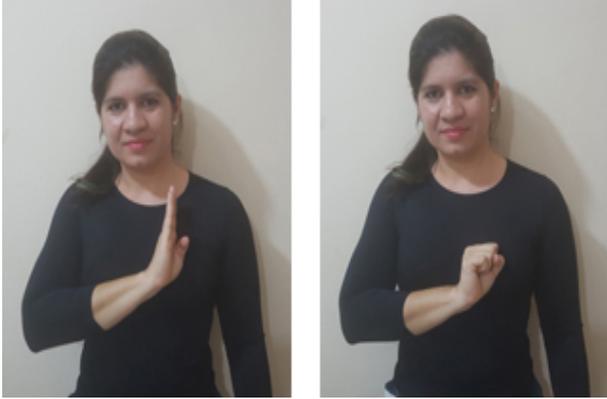
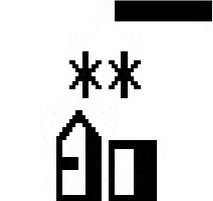
3.3.1. Associações e Instituições educacionais

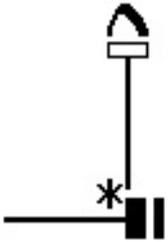
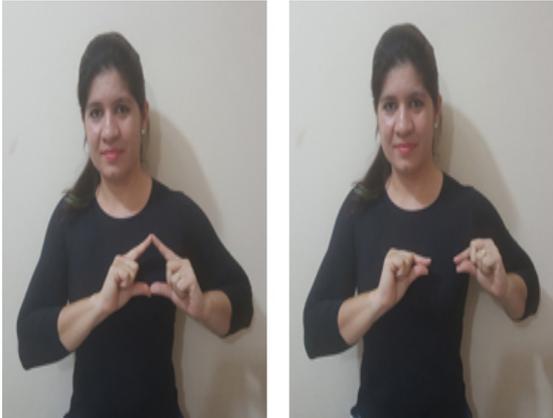
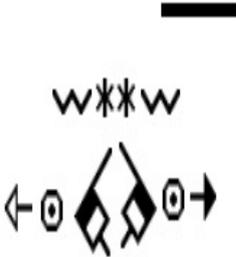
| SINAL E PORTUGUÊS | DESCRIÇÃO | ESCRITA DE SINAIS |
|--|--|---|
|  <p>UNIR</p> | <p>CM: as duas mãos em configuração número 10.</p> <p>P.A: próximo ao peito esquerdo.</p> <p>M: mãos se cruzando com um único movimento.</p> <p>O: cruzando as mãos.</p> |  |

| | | |
|---|---|---|
|  <p>SURD@</p> | <p>CM: mão direita em configuração de mão de número 1.</p> <p>P.A: perto da ouvido e queixo.</p> <p>M: primeiro toque da ponta do dedo tocando o ouvido e depois o queixo.</p> <p>O: toque do dedo da configuração do ouvido para o queixo.</p> |  |
|  <p>APPIS</p> | <p>CM: mão direita em configuração em nº 108ª e mão esquerda em nº 35.</p> <p>P.A: espaço neutro na frente do corpo.</p> <p>M: mão direita parada e mão esquerda em movimento.</p> <p>O: mão esquerda em movimento para cima e pra baixo.</p> |  |

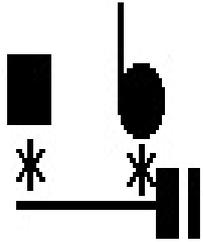
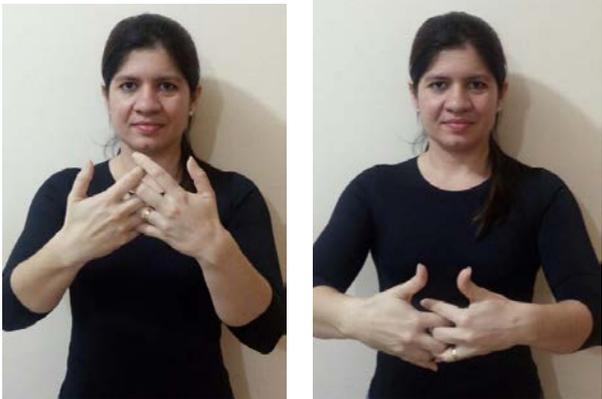
| | | |
|---|---|---|
|  <p>ASFJIPA</p> | <p>CM: mão esquerda em configuração nº 111 e mão direita nº 68.</p> <p>P.A: ponto neutro frente do corpo.</p> <p>M: não ter.</p> <p>O: mão direita sobre a esquerda.</p> |  |
|  <p>ASPVH</p> | <p>CM: as duas mãos em configuração de mãos nº 59.</p> <p>P.A: frente do corpo.</p> <p>M: mão esquerda parada e mão direita girando na frente.</p> <p>O: mão direita girando.</p> |  |

| | | |
|---|--|---|
|  <p>ASSURV</p> | <p>CM: mão direita em configuração nº 16 e mão esquerda config. nº 41.</p> <p>P.A: frente do corpo.</p> <p>M: mão esquerda parada e mão direita movimento.</p> <p>O: mão direita em movimento de dedos de cima para baixo.</p> |  |
|  <p>FEDER</p> | <p>CM: mão direita em config. nº 88.</p> <p>P.A: lateral do corpo lado direito.</p> <p>M: não ter</p> <p>O: de cima para baixo.</p> |  |

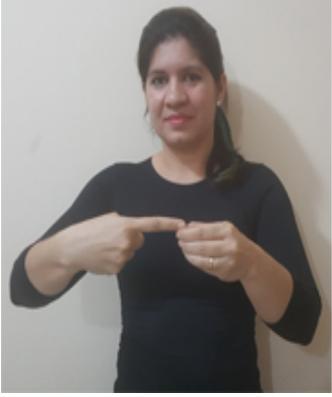
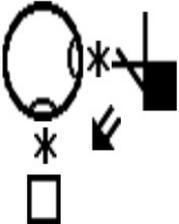
| | | |
|---|---|--|
|  <p>ESCOLA BILINGUE</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 10 e mão esquerda nº 40.</p> <p>P.A: frente do corpo.</p> <p>M: dedos da mão direita</p> <p>O: de cima para virar baixo.</p> |  |
|  <p>ESCOLA BARÃO DO SOLIMÕES</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 32 e mão direita em configuração de nº 111.</p> <p>P.A: próximo ao peito esquerdo.</p> <p>M: não ter.</p> <p>O: passando de uma configuração para outra, de cima para baixo.</p> |  |

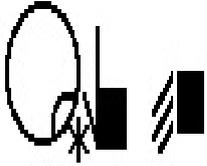
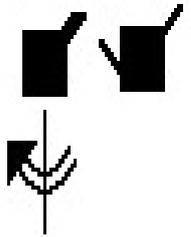
| | | |
|---|--|--|
|  <p>ESCOLA CASTELO BRANCO</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 58 e mão esquerda em configuração de nº 111.</p> <p>P.A: frente do corpo. Apoio no cotovelo.</p> <p>M: não ter.</p> <p>O: cotovelo direito sob a mão esquerda.</p> |  |
|  <p>ESCOLA BRASÍLIA</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 102 e mão esquerda em configuração de nº 106.</p> <p>P.A: próximo ao peito esquerdo.</p> <p>M: toque dos dedos com as duas mãos.</p> <p>O: de dentro para fora.</p> |  |

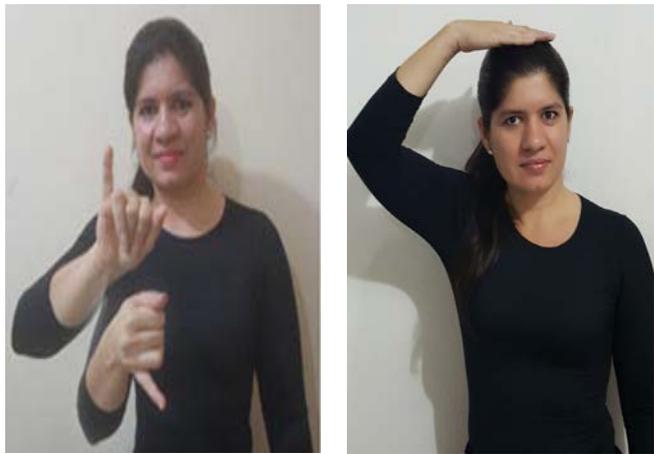
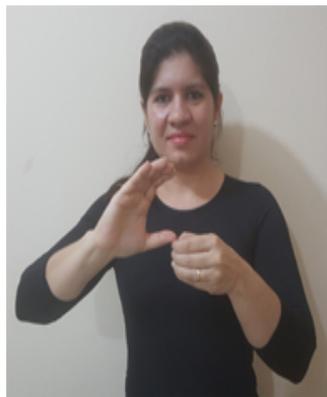
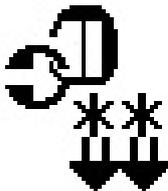
| | | |
|---|---|---|
|  <p>ESCOLA MAJOR GUAPINDAIA</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 62 e mão direita em configuração de nº 93.</p> <p>P.A: próximo ao peito esquerdo.</p> <p>M: não ter</p> <p>O: primeiro uma configuração de nº 62 depois a de nº 93.</p> |  |
|  <p>ESCOLA DO LEGISLATIVO</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 35 e mão esquerda em configuração de nº 34.</p> <p>P.A: frente do corpo.</p> <p>M: próximo da mão esquerda a mão direita em vai e vem.</p> <p>O: da esquerda para direita.</p> |  |

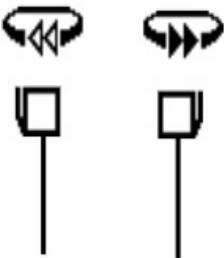
| | | |
|--|---|---|
|  <p>SEDUC</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 02 e mão esquerda em configuração de nº 40.</p> <p>P.A: frente do corpo.</p> <p>M: não ter</p> <p>O: um toque da mão direita sob a esquerda.</p> |  |
|  <p>SEMED</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 111 e nº 02 e mão esquerda em configuração de nº 111.</p> <p>P.A: frente do corpo</p> <p>M: não ter</p> <p>O: toque da mão direita sob o antebraço, sentido direita.</p> |  |
|  <p>IFRO</p> | <p>CM: as duas mãos em configuração número 37.</p> <p>P.A: frente do corpo desce para baixo.</p> <p>M: não ter</p> <p>O: cruzando as mãos de cima pra baixo.</p> |  |

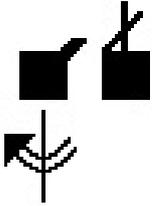
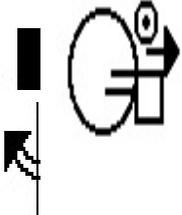
3.3.2. – Municípios do Estado de Rondônia

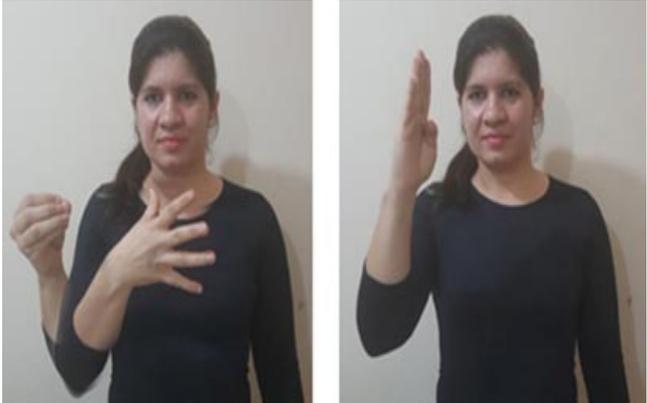
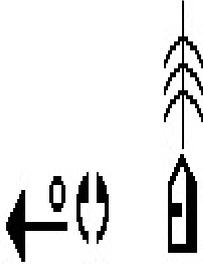
| | | |
|---|---|---|
|  <p>MUNICIPIOS/INTERIOR</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 01 e mão esquerda em configuração de nº 51.</p> <p>P.A: frente do corpo.</p> <p>M: toques da ponta do dedo da mão direita sob a mão esquerda</p> <p>O: para cima e pra baixo</p> |  |
|  <p>PORTO VELHO</p> | <p>CM: mão direita em config. de nº 28 e de nº 111.</p> <p>P.A: um na bochecha e outro abaixo do queixo.</p> <p>M: não ter</p> <p>O: config. nº 28 na bochecha e desce para o queixo com a config. nº 111.</p> |  |

| | | |
|---|---|---|
|  <p>GUAJARA MIRIM</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 93 e de nº 62.</p> <p>P.A: primeira mão do lado do queixo e segunda na frente do corpo próximo rosto.</p> <p>M: não ter</p> <p>O: de cima pra baixo.</p> |  |
|  <p>JACI-PARANÁ</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 64 e de nº 68.</p> <p>P.A: espaço neutro na frente do corpo.</p> <p>M: não ter</p> <p>O: movimento das configurações</p> |  |

| | | |
|---|---|---|
|  <p>JI-PARANÁ</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 64 e de nº 40.</p> <p>P.A: sob a cabeça e frente do corpo</p> <p>M: não tem</p> <p>O: de cima da cabeça para frente do corpo</p> |  |
|  <p>CANDEIAS</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 45 e mão esquerda em configuração de nº 51.</p> <p>P.A: espaço neutro na frente do corpo.</p> <p>M: não ter</p> <p>O: mão esquerda sob a direita</p> |  |

| | | |
|---|--|---|
|  <p>ARIQUEMES</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 108.</p> <p>P.A: lado direito na frente do corpo</p> <p>M: giratório</p> <p>O: dorso da mão para frente em circular</p> |  |
|  <p>ARIQUEMES</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 108.</p> <p>P.A: lado direito do corpo.</p> <p>M: movimento circular.</p> <p>O: lateral da mão em movimento giratório.</p> |  |
|  <p>ARIQUEMES</p> | <p>CM: duas mãos direitas em configuração de nº 108.</p> <p>P.A: frente do corpo</p> <p>M: as duas mãos girando.</p> <p>O: dorso das mãos para a frente em movimento circular.</p> |  |

| | | |
|---|---|---|
|  <p>JARÚ</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 64 e nº 15.</p> <p>P.A: frente do corpo</p> <p>M: não ter</p> <p>O: de cima para baixo e volta para cima na última configuração.</p> |  |
|  <p>JARÚ</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 64 e nº 12.</p> <p>P.A: lateral direita frente do corpo e na bochecha</p> <p>M: não ter</p> <p>O: configuração 64 de cima para baixo e configuração nº 12 de dentro para fora.</p> |  |

| | | |
|---|---|--|
|  <p>BURITIS</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 32.</p> <p>P.A: lateral direita na frente do corpo.</p> <p>M: balançar como vibração a configuração</p> <p>O: não ter</p> |  |
|  <p>NOVA BRASILÂNDIA</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 51 e de nº 32.</p> <p>P.A: frente do corpo</p> <p>M: segunda configuração em vibração</p> <p>O: primeira configuração de dentro para fora. Segunda em esquerda e direita</p> |  |



COSTA MARQUES

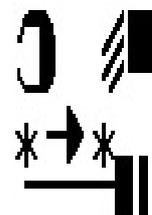
CM: mão direita em configuração de nº 46 e de nº 62 e mão esquerda em configuração de nº 111.

P.A: frente do corpo

M: não ter

O: no antebraço esquerdo

próximo do cotovelo a mão direita faz a configuração nº 46 e depois faz próximo ao pulso a config. nº 62.



PRESIDENTE MÉDICI

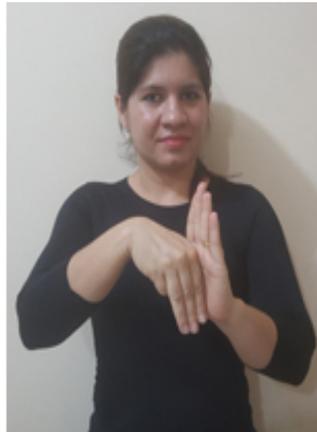
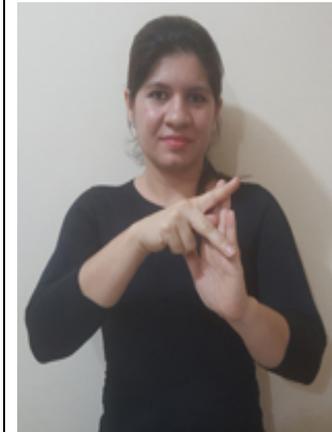
CM: mão direita em configuração de nº 28 e de nº 62.

P.A: frente do corpo

M: não ter.

O: primeiro faz a config. nº 28 e em seguida a config. nº 62.





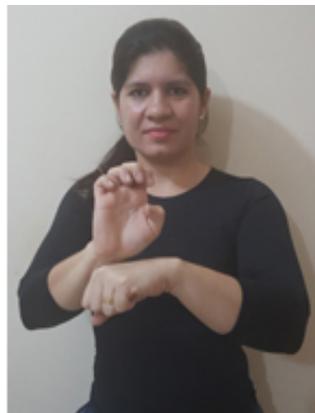
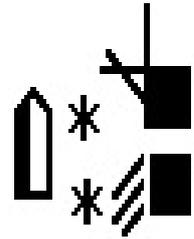
PRESIDENTE MÉDICI

CM: mão direita em configuração de nº 28 e de nº 62 e mão esquerda em configuração de nº 40.

P.A: frente do corpo

M: não ter

O: na mão esquerda o toque da direita com as config. nº 28 e nº 62 na seguida.



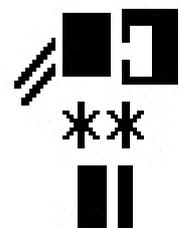
NOVA ESTRELA

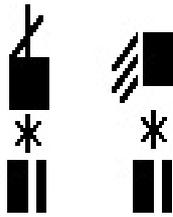
CM: mão direita em configuração de nº 12 e de nº 34 e mão esquerda em configuração de nº 111.

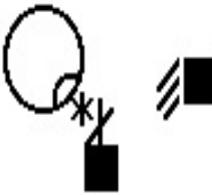
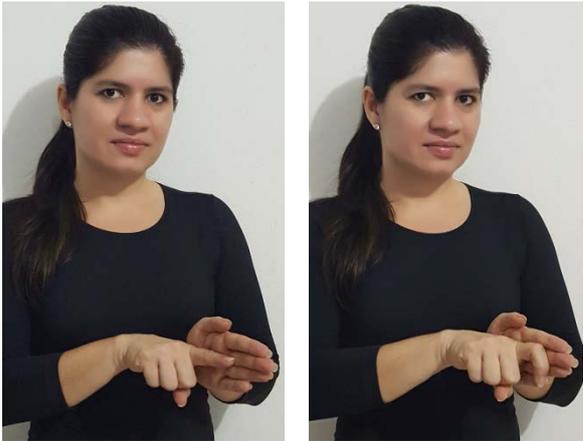
P.A: frente do corpo.

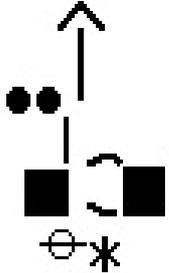
M: não ter

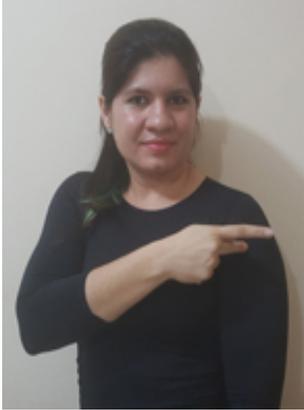
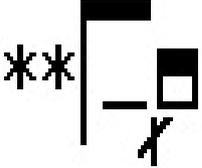
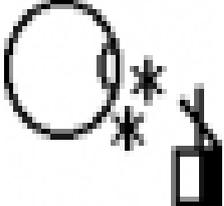
O: sob a mão esquerda faz as configurações de nº 12 e nº 34.



| | | |
|---|--|---|
|  <p>ROLIM DE MOURA</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 15 e de nº 62.</p> <p>P.A: frente do corpo</p> <p>M: não ter</p> <p>O: faz a config. nº 15 e na sequência a de nº 62.</p> |  |
|  <p>ROLIM DE MOURA</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 15 e de nº 62 e mão esquerda em configuração de nº 111.</p> <p>P.A: frente do corpo</p> <p>M: não ter</p> <p>O: sob a mão esquerda faz as configurações de nº 15 e nº 62.</p> |  |

| | | |
|--|--|--|
|  <p>ROLIM DE MOURA</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 15 e de nº 62.</p> <p>P.A: lateral do queixo e frente do corpo</p> <p>M: não ter</p> <p>O: do queixo para frente do corpo</p> |  |
|  <p>CACOAL</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 01 e mão esquerda em configuração de nº 40.</p> <p>P.A: frente do corpo</p> <p>M: não ter</p> <p>O: na palma da mão esquerda o dedo da direita faz sai em movimento flexionado e estendido como “minhoca”</p> |  |

| | | |
|--|--|---|
|  <p>PIMENTA BUENO</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 32.</p> <p>P.A: frente do rosto, próximo da boca.</p> <p>M: de cima pra baixo e vice-versa</p> <p>O: cima e baixo alternado.</p> |  |
|  <p>MINISTRO ANDREZZA</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 16.</p> <p>P.A: no corpo do ombro para cintura</p> <p>M: de cima para a lateral de baixo da cintura</p> <p>O: de cima para baixo</p> |  |
|  <p>COLORADO</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 101 e mão esquerda em configuração de nº 01.</p> <p>P.A: no dedo da mão esquerda o dedo sob a mão direita na frente do corpo</p> <p>M: flexionar o</p> |  |

| | | |
|--|---|---|
| | dedo esquerdo e seguir para frente O: da esquerda para direita | |
|  <p>VILHENA</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 28. P.A: lateral do braço esquerdo M: não ter O: toque do dedo da configuração nº 28 na lateral do braço.</p> |  |
|  <p>RONDÔNIA</p> | <p>CM: mão direita em configuração de nº 15. P.A: na bochecha M: primeiro toque da ponta dos dedos tocando parte superior da bochecha e segundo toque na parte inferior da bochecha O: toque do dedo da configuração da bochecha.</p> |  |

Fotos: Ariana Boaventura

3.4. Descrição etnográfica das configurações de sinais

Os sinais que aqui foram registrados foram construídos utilizando os parâmetros da língua de sinais, e para entender a descrição feita desses sinais é necessário conhecer o que significa esses parâmetros. Tendo em vista que, a língua Brasileira de Sinais possui estrutura gramatical organizada a partir de certos parâmetros que estruturam sua formação nos diferentes níveis linguísticos, admite-se sejam três seus parâmetros principais ou maiores: a Configuração da (s) mão (s) - (CM), o Movimento - (M) e o Ponto de Articulação - (PA); seus parâmetros menores serão constituídos por outros : orientação de mão – (Or ou Om) e as expressões não-manuais, faciais ou corporais – (ENM), que pode assim ser classificados:

Configuração de mãos: os grafemas utilizados com mais frequência na escrita da língua brasileira de sinais e regras ortográficas de sua gramática, a mesma regra para a palma da mão, o grafema para que a representa o será na cor branca, o lado de mão, será metade branco, metade preto e dorso de mão, será preto.

Movimento: os sinais podem ter um movimento ou não ter, do corpo, percurso sobreposto, reto, circular, curvo, originado no pulso, outros tipos, plano diagonal, rotação do antebraço, giro, agito do antebraço, de animais, escrita dos dedos, plano chão e plano parede.

Ponto de Articulação: espaço em frente ao corpo ou uma região do corpo, busque pela locação específica, um círculo com branco para representar a cabeça vista. Quando se ter sinal realizado na cabeça e/ou próximo a cabeça. Os grafemas da mão e do contato são colocados à direita ou à esquerda, ombros, cabeça, sobancelhas, olhos, etc.

Orientação: direção para a qual a mão aponta na produção do sinal: o grafema que a representa será da cor branca, o dorso de mão, o grafema que a representa será da cor preta e o lado de mão, o grafema será metade branco, metade preto. Rotação da mão, um grafema pode girar em qualquer direção.

Baseada na estrutura gramatical da língua brasileira de sinais, procurei registrar duas categorias de sinais relacionados à cultura e identidade do Estado de Rondônia. Com isso tornou possível demonstra que SW pode registrar qualquer língua de sinais sem passar pela tradução da língua falada, como assegura Stumpf, Oliveira e Miranda (2014):

[...] cada língua de sinais adapta o sistema à sua própria ortografia. O sistema notacional do *SignWriting* permite o mapeamento dos sinais de uma língua de sinais, contribuindo para estudo e organização do léxico da língua (Stumpf et al, 2015, p. 183).

Nestes pressupostos, o presente mapeamento da escrita de sinais utilizou o *SW* que permitiu construirmos essas representações binárias convertidas em imagens (símbolos do *SW*) que se torna um banco de dados do mestrado em acadêmico em letras da Universidade Federal de Rondônia, que sempre que for necessário poderá ser visualizado para o reconhecimento de configurações dos sinais de palavras que possuem a característica da cultura e identidade do Povo Surdo do Estado de Rondônia.

Portanto, as duas categorias de palavras em escrita de sinais (*SW*) representam um mapeamento que foi organizado com base na configuração de Mãos do *SW* em conformidade com os padrões internacionais, tornando possível a construção de novas pesquisas relacionadas a escritas de sinais. Essa produção acadêmica também é uma oportunidade para desterritorializarmos o pensamento daqueles que apontam que a escrita dos surdos não segue as mesmas construções dos ouvintes e se apoiam na linguagem oral para produzir a escrita.

Por fim, os resultados da pesquisa apresentados revelam que o povo surdo também possui sua modalidade escrita das línguas de sinais. Por isso, consideramos de suma importância tornar público este sistema de escrita na Universidade Federal de Rondônia, onde pretendo me consolidar como pesquisadora em escrita de sinais.

3.4.1. Tabela de Configurações de Mãos:

| | | | | | | | | | | | |
|----|---|----------------------------------|----|---|---|----|---|------------------------------|----|---|-------------------------|
| 01 |  | Solidão | 02 |  | Domingo | 03 |  | Presidenta Dilma Rousseff | 04 |  | Dinossauro |
| 05 |  | Roteador (informática) | 06 |  | Meia | 07 |  | Mentira | 08 |  | Combinar |
| 09 |  | Mil | 10 |  | Provisório | 11 |  | Futebol de salão | 12 |  | Nome |
| 13 |  | Cadeira | 14 |  | Norte | 15 |  | Restaurante | 16 |  | Dinamarca |
| 17 |  | Injeção | 18 |  | Botão direito do mouse (informática) | 19 |  | Chutar (CL luta) | 20 |  | Vencer |
| 21 |  | Castor roendo um tronco (CL) | 22 |  | Veneno | 23 |  | Lagartixa | 24 |  | América latina |
| 25 |  | Vender | 26 |  | Clips | 27 |  | Pato | 28 |  | Procurar |
| 29 |  | Chaves (Seriado da Televisão) | 30 |  | Quarta-feira | 31 |  | Arado | 32 |  | Brasil |
| 33 |  | Intervalo entre aulas | 34 |  | Europa | 35 |  | Oi/ olá/ tchau | 36 |  | Rico |
| 33 |  | Intervalo entre aulas | 34 |  | Europa | 35 |  | Oi/ olá/ tchau | 36 |  | Rico |
| 37 |  | Chuva | 38 |  | Grupo | 39 |  | Mexer | 40 |  | Criança |
| 41 |  | Sapato | 42 |  | Fugir | 43 |  | Maconha | 44 |  | Pagar à vista |
| 45 |  | Bola grande | 46 |  | Comunicação | 47 |  | Rádio comunicador | 48 |  | Abacate |
| 49 |  | Coração partido | 50 |  | Sexta-feira | 51 |  | Não saber nada | 52 |  | Tentar/ experimentar |
| 53 |  | Falar oralmente | 54 |  | Verba pequena | 55 |  | E-mail | 56 |  | Barco |

© Libras Escrita. Todos os direitos reservados.

Montagem Fotográfica: Indira Stédie

| | | | | | | | | | | | |
|-----|--|-------------------------------|-----|--|--------------------|-----|--|--|--|--|--|
| 57 | | Obedecer | 58 | | Misturar | 59 | | Terceiro | 60 | | Centro de Educação para Surdos Rio Branco (SP) |
| 61 | | Marrom | 62 | | Mestrado | 63 | | Ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva | 64 | | Fio |
| 65 | | Oi | 66 | | Amante | 67 | | Exemplo | 68 | | Desculpar-se |
| 69 | | Eu te amo | 70 | | Itaquaquecetuba/SP | 71 | | Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) | 72 | | Hipopótamo |
| 73 | | Satélite | 74 | | Droga (SC- AL) | 75 | | Noivo(a) (variante usada em algumas regiões de SP) | 76 | | Noivo(a) |
| 77 | | Ecumenismo | 78 | | Especial | 79 | | Cola | 80 | | (Usada em Sinal nome) |
| 81 | | Oficial/ original/ verdadeiro | 82 | | Saúde | 83 | | Sacil/ deficiente | 84 | | Julgar/ justiça |
| 85 | | * Camisa de botão | 86 | | Seguro | 87 | | Carne | 88 | | Faculdade |
| 89 | | Tecnologia | 90 | | Salário | 91 | | (Usada em Sinal nome) | 92 | | Antiquado |
| 93 | | Goiás | 94 | | Revólver | 95 | | Pico Dedo de Deus (Teresópolis-RJ) | 96 | | Espingarda |
| 97 | | Sair | 98 | | Barbear | 99 | | Remédio | 100 | | Inglês |
| 101 | | Pessoa | 102 | | Brasília | 103 | | Pássaro | 104 | | Pouquíssimo |
| 105 | | Sétima série | 106 | | O que | 107 | | Perto | 108 | | Junto |
| 109 | | Isqueiro | 110 | | Economizar | 111 | | Fechar (loja) | Libras em jogo www.librasescrita.com.br | | |

© Libras Fovista - Todos os direitos reservados

Montagem Fotográfica: Indira Stédile

4.0. Considerações Finais

Quando me deparei com as possibilidades de realizar essa pesquisa na perspectiva dos estudos culturais pós-críticos por meio dos pressupostos teóricos de uma etnografia de mim mesmo fiquei um pouco preocupada. Confesso que fiquei preocupada e tive uma certa resistência pessoal de fala de mim mesma. Isto porque sou um pouco reservada quanto à minha vida pessoal. Descrever as dificuldades pelas quais passei como criança e adolescente surda causou-me uma inquietação. Fiquei temerosa com a possibilidade de expor às outras pessoas fora do círculo mais íntimo de amigos. Mas ao mesmo tempo vi que era uma possibilidade que tinha de revelar o que ser surdo no mundo ouvinte para ‘desterritorialização’ dos preconceitos culturais e principalmente linguístico do povo surdo.

Pode até parecer pouca coisa realizar essas afirmações, mas quando se carrega a condição de ser surdo numa sociedade de maioria ouvinte, não é nada fácil enfrentar os estereótipos de raça de uma sociedade plural como a brasileira. É difícil porque somos obrigados enfrentar os padrões de normatização que gera olhares e estigmas carregados de indiferenças culturais. Confesso que para mim desde o nascimento a conquista de uma vaga num mestrado acadêmico em letras causou em mim muitos momentos de insegurança, haja vista que, desnudar-se através da escrita em outra língua que não era a minha língua da herança, exigiu de mim coragem e determinação para enfrentar as diferenças e os preconceitos linguísticos da língua portuguesa culta que sempre representou na minha vida um processo de colonização.

Na perspectiva dos estudos surdos, após refletir bastante, protelar, ler e discutir alguns pressupostos teóricos como orientador e demais colaboradores, compreendi que, como uma das líderes de minha comunidade surda, e ter sido uma pessoa surda privilegiada pelo afeto da família e cuidados educacionais diferenciada da maioria das pessoas surdas, resolvi enfrentar o desafio desta pesquisa acadêmica voltado para Escrita de Sinais e a cultura e identidade surda no Estado de Rondônia. Mergulhei nos estudos com a consciência de que a maioria dos surdos não teve as mesmas oportunidades que tive na vida, propondo-me assim, abrir caminhos que só alguém em minha posição poderia fazer em defesa do meu povo.

Neste cenário ao realizar estudos voltados para os conceitos e leituras relacionados a cultura e identidade surda, passei a compreender melhor minha posição de pertencimento ao povo surdo do estado de Rondônia. Ao ter essa

compreensão de forma mais consolidada no processo de minha formação acadêmica, tomei consciência da minha cultura e identidade através das reflexões das minhas próprias lutas pessoais e coletiva em defesa do povo surdos. Neste sentido, passei a ter mais consciência da importância dessas narrativas de vida não só para a comunidade surda de Rondônia, mas também para servir de testemunho os demais surdos da Região Norte, considerando que estou sendo a primeira surda da região a fazer um mestrado acadêmico, sendo ao mesmo tempo uma professora de uma universidade federal no contexto do primeiro curso de letras Libras do meu estado e região. Aos poucos fui reconhecendo que os resultados dos meus estudos iriam tornar-se um espelho para as novas gerações de surdos. Não resta dúvida que os resultados deste estudo terão um efeito pedagógico para mostrar que é possível ser surdo num mundo colonizado pelos ouvintes. Isso não nos rouba o direito de alcançarmos os nossos sonhos mesmo sendo diferentes.

Mesmo diante das minhas resistências às leituras e aos conceitos, à princípio, a disciplinas cursadas sem intérpretes, e, às vezes, mesmo sem intérprete algum, ter trocado de orientador no meio do percurso, entre outras dificuldades que tive que enfrentar, e, paralelo a isso, exercer a docência na área da escrita dos surdos no curso de letras da Universidade Federal de Rondônia, reconheço que havia a necessidade de revelar um pouco os dramas do meu povo para alcançar os sonhos acalentados. Torna-se uma etnográfica da minha própria história e do meu povo é uma premissa dos estudos culturais pós-crítico para reconhecermos melhor as Histórias das aventuras humanas neste planeta azul. Como sujeita etnográfica da minha própria história os estudos surdos nesta perspectiva teórica me permitiram resgatar e promover outras narrativas que com certeza ajudará descolonizar os preceitos e estereótipos dos processos de colonização do povo surdo.

Para grande parte da sociedade ouvinte, soa corriqueiro falar ou referir-se à História, como um conhecimento razoavelmente básico para grande parte dessa sociedade. No entanto, a maioria do povo surdo não tem esse mesmo nível de compreensão, pois essa História não está disponível em língua brasileira de sinais, desconhecendo-se inclusive os personagens surdos históricos ou mesmo, que fazem parte da literatura brasileira. Quando comecei a ensinar a disciplina de Escrita de Sinais para os alunos do Curso de Letras Libras na UNIR em 2017, passei a refletir sobre as questões referentes à leitura e à escrita, percebendo em minha pesquisa, a

importância dessa escrita como referência de origem para as próprias questões históricas e identitárias surdas, descobrindo-me também como pesquisadora, considerando a relevância desses estudos como instrumentos de construção de minha própria História enquanto sujeita étnica do povo surdo.

De modo geral, para o povo surdo, o papel da escrita comumente está associado aos ouvintes e à sua memória, ou seja, os surdos sinalizam de forma visual gestual, não tendo o costume de escrever como forma eminentemente comunicativa. No entanto, ao pesquisar a origem da escrita de sinais primeiramente em função das aulas, e, posteriormente em função do Mestrado Acadêmico em letras, acabei por perceber que essa, de modo geral, está associada aos primeiros rabiscos feitos nas paredes das cavernas, onde mãos e outros símbolos familiares, evidenciam quiçá a hipótese da existência também de surdos nos primórdios da História, a qual dá-se justamente, com a descoberta da Escrita.

A partir desta reflexões, passei a compreender que o povo surdo também têm uma escrita que constituiu-se através do tempo histórico, essa escrita tem a função fundamental de registrar a história desses sinais, tendo ainda a possibilidade de ir além do simples registro, servindo também como memória gráfica no ensino-aprendizagem dos surdos como a questão cognitiva, pois, se esses tivessem aceso à escrita de sinais na infância juntamente com a LIBRAS e o português, esses não teriam as atuais dificuldades para aquisição de conhecimento, especialmente com a leitura e escrita em língua portuguesa.

Assim, nesse período que compreendeu minha pesquisa, entrei em contato com diversos surdos de vários municípios do interior, procurando catalogar alguns sinais utilizados há muito tempo em Rondônia e, de importância histórica para a comunidade surda regional, questionando os surdos que colaboraram com a pesquisa quanto à origem histórica desses sinais, passando a registrar esses dados em vídeo, na tentativa de compor um acervo imagético de referência histórica, servindo esse também como elemento imprescindível para futuras pesquisas, quiçá por pesquisadores também surdos!

Para finalizar e importante asseguramos que não se pretende com essa pesquisa esgotar essa questão, muito pelo contrário, trata-se de um campo fértil de estudos que ainda há muito a se fazer! Mas há que reconhecer-se o caráter inovador e a qualidade histórica desse material na trajetória histórica do povo surdo,

especialmente para o Estado de Rondônia, e isso para mim, como sujeita histórico, é de fundamental importância, pois mostra que a História não está morta nos livros escritos em português, mas viva, em movimento, e continuamente em construção na alma daqueles buscam e lutam por sonhos utópicos. Dessa forma, reconhecemos a importância da escrita de sinais para a valorização e intensificação da cultura e identidade surdas, bem como, seu papel fundamental para o sentimento de pertença, especialmente na educação de surdos no sentido de configurar um campo de estudos acadêmico como referência descritiva, expressiva e visual, acelerando a apreensão do conhecimento pelas novas gerações.

5.0. Referências Bibliográficas

- AMARAL, Nair Ferreira Gurgel et. Al. (orgs.). **Farinha Pouca, meu pirão primeiro: à mesa com os ribeirinhos**. Porto Velho: Temática, 2014.
- AMARAL, Nair Ferreira Gurgel. **Encantos do Rio Madeira: histórias ribeirinhas**. Porto Velho: Temática, 2014.
- BASSNETT, Susan. **Estudos de Tradução**. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa; Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- BARRETO, Madsom & BARRETO, Raquel. **Escrita de Sinais sem mistérios**. Salvador, Libras Escrita, 2015.
- BÍBLIA, A. T. Gênesis. In BÍBLIA. Português. **Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos**. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2017. p. 202-203.
- CAPOVILLA, Fernando César. RAPHAEL, Walquiria D. MAURÍCIO, Aline Cristina L. Novo Deit-Libras: **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. (LIBRAS)**. Editora da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes, 2009.
- COHEN, Renato. **Performance Como Linguagem**, Criação de Um Tempo-Espaço de Experimentação, Editora Perspectiva S.A. São Paulo, SP, 2002.
- FISCHER, Steven R. **História da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- GESSER, Audrei. Libras? **Que língua é essa?** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GIROLETTI, Marisa Fátima Padilha, **Cultura Surda e Educação Escolar** Kaingang, Dissertação de Mestrado, UFSC, 2008.
- GUARINELLO, Ana Cristina. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus. 2007.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2ª ed. Manaus: Valer, 2007.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro; Lamparina, 2014.
- IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. 3. ed. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.). **Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações intercorrências e provocações** – Canoas: Ed. Ulbra, 2011.

LABORIT, Emmanuelle. **O Grito da Gaivota**. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

LACERDA, Cristina, B. F. **Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. **Conceitos Abstratos**. Escolhas Interpretativas de Português para Libras. Curitiba: Appris, 2014.

MEC; SEESPÁG. **O Tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Secretaria de Educação Especial. 2a Ed. Brasília: MEC; SEESP, 2007.

NENEVÉ, Miguel & MARTINS, Graça. **Fronteiras da Tradução, Cultura, Identidade e Linguagem**. São Paulo: Editora CRV, 2009.

NOVOA. Antônio. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: _____(Org.) *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992.

PIRES, Vanessa de Oliveira Dagostim. **A aprendizagem coletiva de língua portuguesa para surdos através das interações em língua de sinais**. Rev. Bras. Linguística. Aplicada, v. 14, nº 4, p. 987-1.014, 2014.

PERLIN, Gladis. **O Ser e o estar sendo surdos: Alteridade, diferença e identidade**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/5880>>, acesso em 16 de junho de 2016.

PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne. **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012.

QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis. **Estudos surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

_____. **Língua de Herança: língua brasileira de sinais**. Porto Alegre; Penso, 2017.

RIBEIRO, Sérgio S. **Escrita de Sinais na educação do aluno surdo**. Curitiba: Instituto Memória. Centro de Estudos da Contemporaneidade, 2016.

ROCHA, Ruth & Roth, Otávio. **O Livro Dos Gestos E Dos Símbolos**. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

SÁ, Nidia, R. L. de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Angela Carrancho da; NEMBRI, Armando Guimarães. **Ouvindo o silêncio:**

educação, linguagem e surdez. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SILVA, César Augusto Assis. **Cultura surda: agentes religiosos e a produção de uma identidade**. São Paulo: Terceiro Nome. 2012.

SKILIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

STROBEL, Karin. **História da Educação dos Surdos**. Licenciatura em Letras/LIBRAS na Modalidade a distância, UFSC. 2009. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ycjm6ffq>>, acesso em 16 de junho de 2016.

STUMPF, Mariane Rossi. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: língua de sinais no papel e no computador**. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

STUMPF, Marianne Rossi. A educação bilíngue para surdos: relatos de experiências e a realidade brasileira. In: QUADROS, Ronice Muller de, e STUMPF, Marianne Rossi (org.). **Estudos surdos IV**. Petrópolis: Arara Azul, 2009. (Série Pesquisas).

STUMPF, Mariane Rossi; OLIVEIRA, Janine Soares; MIRANDA, Ramon Dutra. Glossário Letras Libras: a trajetória dos sinalários no curso: como os sinais passam existir? IN: QUADROS, Ronice Muller de (org.). **Letras Libras: ontem, hoje e amanhã** – Editora UFSC – Florianópolis, Santa Catarina, 2014.

SUTTON, Valerie. Tradução: Marianne Rossi Stumpf. Colaboração: Antônio Carlos da Rocha Costa e Ronice Muller de Quadros. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y7phgt9c>>. Acesso em: 08/02/2018.

VERSIANI, Daniela Beccaccia, **Autoetnografias: conceitos alternativos em construção**, Editora &Letras, Rio de Janeiro 2005.

VILHALVA, Shirley. **Despertar do Silêncio**. Editora Arara Azul LTDA. Rio de Janeiro, 2004.

ZATZ, Lia. **Aventura da escrita: história do desenho que virou letra**. São Paulo: Moderna, 1991.